

**Universidade de Brasília**  
**Instituto de Ciências Humanas**  
**Departamento de Filosofia**

**O epílogo do conto moderno: um estudo sobre as ruínas do  
esclarecimento**

Monografia Filosófica

Aluno: Daniel Reis Vasconcelos

Orientador: Dr. Erick Calheiros de Lima

Brasília, Julho de 2019

## Resumo

Este estudo tem como proposta investigar uma possível interpretação acerca da natureza humana com base na problematização que Adorno e Horkheimer fazem no prefácio da obra *Dialética do Esclarecimento*, a saber: “O que nos propuséramos era, de facto, nada menos do que descobrir por que a humanidade, em vez de entrar em um estado verdadeiramente humano, está se afundando em uma nova espécie de barbárie”(ADORNO, Theodor W. e HORKHEIMER, Max. *Dialética do Esclarecimento*. 1947. P2). Neste sentido, por meio de uma linha argumentativa pautada, sobretudo, na relação entre as duas obras centrais deste trabalho, isto é, *Dialética do Esclarecimento* e *Dialética Negativa*, o objetivo principal é também fornecer um momento de reflexão acerca dos malogros do programa do esclarecimento enquanto uma grande tentativa de romper com as narrativas mitológicas, apontando, assim, as similitudes entre mito e esclarecimento como marcas características da humanidade.

**Palavras-chave:** esclarecimento, mito, dialética, Adorno

## Sumário

1. Introdução .....	1
1.1. Introdução à Primeira parte.....	4
1.2. O mito .....	5
2. Capítulo 1 – O que foi o esclarecimento e quais foram suas consequências? .....	7
2.1 Primeira tese: O mito já é esclarecimento.....	7
2.2 Segunda tese: o esclarecimento acaba por reverter à mitologia .....	8
2.3 Terceira tese: sobre a indissociabilidade entre mito e esclarecimento .....	10
2.4 O que foi o esclarecimento .....	12
2.5 Sobre a transição e compreensão do paradigma mitológico .....	13
2.6 Sobre o novo paradigma mitológico advindo do esclarecimento e suas consequências ...	14
2.7 Sobre a conversão do mana para norma .....	17
2.8 Sobre a nova leitura do mundo esclarecido, signos matemáticos e o Mito do dado.....	20
2.9 O mito do dado.....	21
3. Capítulo 2 - Sobre a experiência do sujeito moderno .....	23
3.1 Introdução à segunda parte .....	23
3.2 Sujeito e objeto .....	24
3.3 Sobre o primado do objeto.....	26
3.4 Idealismo e ideologia .....	27
3.5 Crítica à filosofia kantiana .....	29
3.6 Excurso sobre a personalidade-mana – Jung .....	30
3.7 Selbst – si mesmo.....	34
3.8 Sobre o não-idêntico .....	35
3.9 Algumas considerações acerca da relação entre o não-idêntico e o inconsciente .....	36
4. Capítulo 3 – A filosofia enquanto chave para a contemporaneidade.....	39
4.1 Estado decadente da filosofia.....	39
4.2 Breve excurso sobre a República de Platão .....	42
5. Considerações finais .....	46
Bibliografia: .....	48



## 1.Introdução

*Os homens sempre tiveram de escolher entre submeter-se à natureza ou submeter a natureza ao eu. Com a difusão da economia mercantil burguesa, o horizonte sombrio do mito é aclarado pelo sol da razão calculadora, sob cujos raios gelados amadurece a sementeira da nova barbárie. Forçado pela dominação, o trabalho humano tendeu sempre a afastar-se do mito, voltando a cair sob o seu influxo, levado pela mesma dominação. (ADORNO, Theodor W. e HORKHEIMER, Max. *Dialética do Esclarecimento*. 1947)*

Partindo-se de duas questões chave sobre o núcleo temático da discussão presente, a saber: *o que foi o esclarecimento?* e *quais foram suas principais consequências?* este estudo percorrerá por três períodos de desenvolvimento teórico acerca de tais questões: (i) de modo introdutório, no capítulo 1 elas terão um espaço reservado para suas respectivas respostas com base, exclusivamente, no texto *Dialética do Esclarecimento*. Serão desenvolvidas também as principais teses das quais os autores partem para traçarem as ideias centrais do texto, bem como alguns conceitos chave deste trabalho, como mana e mito do dado. A discussão acerca das motivações que fundamentaram o programa do esclarecimento é imprescindível aqui para compreender de que modo elas podem estar conectadas à ideia perseguida por este estudo, isto é: de que a tentativa frustrada do ser humano em livrar-se do mito aponta mais do que um insucesso contingencial, mas um sintoma que pode revelar uma natureza profundamente ligada ao símbolo, à “dupla natureza” das coisas. Esta concepção será devidamente desenvolvida ao longo do texto, mas terá um enfoque maior no capítulo 1.

Em seguida, (ii) o capítulo 2 terá como meta aprofundar o impacto sofrido pelos indivíduos esclarecidos, de modo a ressaltar o caráter epistêmico e ideológico resultante das consequências do esclarecimento e atuantes como regentes nas dinâmicas sociais da modernidade. A relação entre sujeito e objeto terá um grande destaque no que toca a compreensão acerca do núcleo de discussão do capítulo: a “contradição” vivida tanto em uma esfera pública como privada pelo sujeito esclarecido. Será visto que o termo “contradição” vincula-se à uma determinada perspectiva epistêmica e terá sua devida explicação com base na concepção filosófica de Adorno acerca do método dialético. Este capítulo centralizará a obra *Dialética Negativa* como base teórica de suas considerações acerca da experiência do sujeito esclarecido, mas também contará com as obras *Sobre Sujeito e Objeto* e, como excursão baseado no pensamento junguiano, *O Eu e o Inconsciente*. Esta obra é incorporada ao

texto com a função de ilustrar, por meio do recurso ao pensamento junguiano, um olhar mais aprofundado para o conceito “mana”, tomando-o, assim, como um subsídio interessante ao propósito do capítulo 2. Tal como no capítulo 1, alguns conceitos serão discutidos adequadamente aos interesses deste estudo, como *contradição, não-idêntico, sujeito e objeto*.

Por fim, (iii) ao capítulo 3 será encarregada a tarefa de traçar algumas considerações que Adorno faz, também na obra *Dialética Negativa*, sobre a possibilidade de crítica ao período pós-esclarecimento. Assim, pode-se dizer que o tema deste capítulo consiste na contextualização do estado da filosofia neste período e em que medida ela pode, através do método dialético (negativo), ser a chave necessária para humanidade no que se refere a possibilidade de superação do estado-de-coisas que será apresentado aqui com base nas leituras centrais do estudo. No capítulo 3 será utilizado, como recurso literário, tal como o excuro sobre Jung, o texto de Platão *A República*, a fim de salientar de forma rápida outro conceito bastante importante para a compreensão dos textos de Adorno: a mímese.

Assim, como uma certa resposta e interpretação de leitura da obra *Dialética do Esclarecimento* e suas profundas intenções, as quais são parcialmente declaradas pelos autores, pode-se dizer que a tese central deste estudo consiste na *identidade do gênero humano com o símbolo*. De modo mais específico, a tese fundamenta-se sobretudo nesta passagem do texto:

quando uma árvore é considerada não mais simplesmente como árvore, mas como testemunho de uma outra coisa, como sede do mana, a linguagem exprime a contradição de que uma coisa seria ao mesmo tempo ela mesma e outra coisa diferente dela, idêntica e não idêntica. (ADORNO, Theodor W. e HORKHEIMER, Max. *Dialética do Esclarecimento*. 1947. P10)

É preciso dizer, então, que “significado” e “significância” serão termos recorrentemente utilizados aqui, mas que terão um tipo de conceitualização própria neste estudo, a qual está vinculada ao objetivo e tese do mesmo. Por significado entende-se aqui uma descrição necessária dos objetos como via de acesso ao mundo; significância, por outro lado, expressa com mais ênfase a *quê* me refiro com a expressão “dupla natureza” do objeto, isto é, uma segunda função além daquela que é necessária a todo objeto (ter um significado) que se estabelece de modo contingencial, no sentido de vincular-se ao estado-de-coisas no qual algum objeto está situado, em vista da interação deste com outros objetos; uma relação do objeto com o sujeito, ou meio, que revela o modo específico que o ser humano, segundo a

tese deste estudo, interage com o mundo, a saber: da maneira simbólica. Desse modo, será visto que, com base não só na descrição dos objetos enquanto mediação de caráter necessário (significado), o sujeito se orienta muito mais pela relação do objeto com vários outros objetos que situam aquele a qual se liga em uma interação do tipo “sujeito-objeto”, isto é, que dão ao objeto sua “significância”.

O caráter simbólico apontado aqui como inerente à natureza humana terá sua devida compreensão ao longo do desenvolvimento das ideias centrais dos textos, sobretudo no capítulo 1, no qual a obra *Dialética do Esclarecimento* terá um espaço exclusivo de desenvolvimento em função dessa tese. A ideia central da compreensão acerca da natureza humana como “simbólica”, ou intimamente ligada ao uso dos símbolos, é resultado de inferências feitas a partir do estudo das obras principais deste trabalho as quais serão apontadas ao longo do texto como balizas a direcionar o que pretendo investigar aqui com mais centralidade. O percurso semântico deste trabalho seguirá, portanto, o seguinte ordenamento: primeiramente, uma explanação geral sobre as questões centrais do estudo, as quais estão fortemente ligadas tanto a tese do mesmo quanto às premissas d’onde partirão as futuras considerações. Em seguida, um momento de compreensão de caráter epistêmico e ideológico acerca do que foi dito na primeira parte do trabalho, isto é, um olhar para a experiência do sujeito esclarecido enquanto uma perspectiva adorniana da qual parte de um estado-de-coisas já “tomado” pelo programa esclarecimento, ressaltando, assim, as consequências deste programa filosófico. Por fim, uma breve consideração sobre a possibilidade de lidar com os problemas apontados ao longo do estudo; o capítulo 3 terá apenas como intuito traçar algumas considerações importantes acerca de como Adorno compreende o “mundo esclarecido” e de que maneira ele pode ser superado, dado que, como será visto, a tentativa de ratificar e consolidar a “superioridade” do ser humano sobre a Natureza, trouxe consequências severas à vida humana.

Portanto, a superioridade do homem está no saber, disso não há dúvida. Nele muitas coisas estão guardadas que os reis, com todos os seus tesouros, não podem comprar, sobre as quais sua vontade não impera, das quais seus espias e informantes nenhuma notícia trazem, e que provêm de países que seus navegantes e descobridores não podem alcançar. Hoje, apenas presumimos dominar a natureza, mas, de facto, estamos submetidos à sua necessidade; se contudo nos deixássemos guiar por ela na invenção, nós a comandaríamos na prática. (ADORNO, Theodor W. e HORKHEIMER, Max. *Dialética do Esclarecimento*. 1947. P5)

## 1.1.Introdução à Primeira parte

*Em linhas gerais, o primeiro estudo pode ser reduzido em sua parte crítica a duas teses: o mito já é esclarecimento e o esclarecimento acaba por reverter à mitologia. (ADORNO, Theodor W. e HORKHEIMER, Max. Dialética do Esclarecimento. 1947. P5)*

A primeira parte deste trabalho tem como objetivo elucidar as balizas que conduzem o discurso filosófico dos autores da obra *Dialética do Esclarecimento*, bem como apresentar e explicitar o conteúdo dessas duas teses em conjunção à uma terceira, a qual surge com o desdobramento das mesmas, a saber: a *indissociabilidade entre mito e esclarecimento*. A elucidação da relação entre tais teses já é por si só uma boa chave de leitura para o texto e um exercício profundamente filosófico, dado o seu caráter hermético. Em vista do caráter interpretativo deste estudo, é importante ressaltar a interligação das teses centrais da primeira parte do texto como um esforço dos autores no que se refere a criação de um discurso filosófico acerca do processo histórico e social em análise que, em sua característica configuração, dificulta enormemente a possibilidade de expressar tanto a experiência do sujeito esclarecido quanto a figura geral dos processos de difusão do esclarecimento – sendo estes os dois grandes objetivos interpretativos deste estudo. À terceira tese, enquanto base central das pretensões deste estudo em sua totalidade, será preciso dar mais atenção do que as demais, pois ela se mostra como a conclusão das duas teses apresentadas pelos autores no início do texto, contendo, então, a compreensão das premissas que a antecedem com a compreensão da mesma<sup>1</sup>. Além disto, a compreensão da terceira tese, resultante das duas citadas no texto dos autores, é justamente a compreensão pela qual este estudo se guia para afirmar a sua própria tese, isto é: assumindo-se a natureza humana como simbólica, identitariamente marcada pela capacidade de não apenas atribuir significados às coisas, mas também significâncias, a história da humanidade nunca “superou” a era dos mitos, isto é, os *tempos antigos* - embora houvesse tentado estabelecer uma ruptura com o passado (modernidade); mas apenas findou mais um capítulo da história da humanidade.

---

<sup>1</sup> A razão de tal exigência hermenêutica se sustenta também pelo próprio título da obra (*Dialética do esclarecimento*), o qual pode ser concebido como uma resposta ao conteúdo desta tese.

## 1.2. O mito

*Os mitos, como os encontraram os poetas trágicos, já se encontram sob o signo daquela disciplina e poder que Bacon enaltece como o objectivo a se alcançar. O lugar dos espíritos e demónios locais foi tomado pelo céu e sua hierarquia; o lugar das práticas de conjuração do feiticeiro e da tribo, pelo sacrifício bem dosado e pelo trabalho servil mediado pelo comando.*(ADORNO, Theodor W. e HORKHEIMER, Max. *Dialética do Esclarecimento*. 1947. P7)

Se faz necessário traçar algumas considerações ao que os autores pretendem expor com o conceito de mito. A palavra, ou expressão, conota uma narrativa pré-estabelecida sobre acontecimentos imediatos dos quais o ser humano não possui ciência e não poderia investigar até o encontro de suas causas primeiras; estas teriam necessariamente que contar com o arranjo simbólico espaço-temporal do mesmo, pois, caso contrário, não haveria como comunicá-las, dado que o fenômeno da comunicação se pauta, naturalmente, tanto em sua necessidade como em seu uso na vida em comunidade. Segundo o pensamento dos autores, o ser humano serve-se do mito não somente para explicar tais acontecimentos imediatos, isto é, eventos quaisquer em que a pessoa depara-se com a “dupla natureza” dos objetos: o significado e significância dos mesmos concomitantemente à própria percepção sensorial; mas para *vivencia-los*. A experiência do ser humano no mundo nunca se deu (ou se dá) de modo plenamente consciente e, portanto, *dado*; a mediação e/ou a interpretação, são recursos inclusos na percepção sensorial do “bicho-humano”, próprios de sua natureza linguística e/ou simbólica.

O mito, portanto, consiste em uma narrativa que conta com a simbologia utilizada por uma comunidade situada em um determinado espaço e tempo como uma interpretação coletiva dos fenômenos naturais e sociais. Assim, dois pontos muito importantes para leitura e compreensão deste trabalho resultam destas considerações: o mito, aqui, é contingencial, logo, não retrata uma realidade inexorável justamente pelo fato de poder ser expresso de outra maneira; e a realidade *em si* tem caráter ambíguo, necessariamente, devido à experiência sensorial e simbólica do ser humano que ocorrem concomitantemente.

Porém, os autores lidam com uma dimensão muito mais profunda do mito:

o mito queria relatar, denominar, dizer a origem, mas também expor, fixar, explicar. Com o registo e a colecção dos mitos, essa tendência reforçou-se. Muito cedo

deixaram de ser um relato, para se tornarem uma doutrina. (ADORNO, Theodor W. e HORKHEIMER, Max. *Dialética do Esclarecimento*. 1947. P7)

É justamente ao fixar a dupla natureza do objeto dentro de uma narrativa sobre a realidade que ocorre o fenômeno responsável pelo modo peculiar que o ser humano tem de relacionar-se com o mundo, o qual, segundo os autores, tende não apenas a interpretá-lo, mas defini-lo como tal: a *hipóstase*. Os objetos, ao serem reificados ou hipostasiados, “adquirem vida própria”, por assim dizer; tornam-se autônomos ontologicamente e, conseqüentemente, passam a reger e exercer poder sobre as vidas humanas seduzidas por sua própria capacidade animísta. Assim,

*as deidades olímpicas não se identificam mais directamente aos elementos, mas passam a significá-los. Em Homero, Zeus preside o céu diurno, Apolo guia o sol, Hélios e Éos já tendem para o alegórico. Os deuses separam-se dos elementos materiais como sua suprema manifestação.* (ADORNO, Theodor W. e HORKHEIMER, Max. *Dialética do Esclarecimento*. 1947. P7)

## 2. Capítulo 1 – O que foi o esclarecimento e quais foram suas consequências?

### 2.1 Primeira tese: O mito já é esclarecimento

Enquanto totalidade desenvolvida linguisticamente, que desvaloriza, com sua pretensão de verdade, a crença mítica mais antiga: a religião popular, o mito patriarcal solar é ele próprio esclarecimento, com o qual o esclarecimento filosófico pode-se medir no mesmo plano. (ADORNO, Theodor W. e HORKHEIMER, Max. *Dialética do Esclarecimento*. 1947. P8)

A primeira tese referida pelos os autores no que toca ao papel desenvolvido pelo mito ao longo da história da humanidade como esclarecimento, isto é, como programa de caráter elucidativo sobre “a realidade”, é melhor contemplada a partir das considerações que os mesmos fazem sobre o aspecto da dominação que acompanha a consciência humana historicamente. Salientando-se a diferença entre ambas as coisas, mito e esclarecimento, é possível identificar o que as tornam semelhantes: o mito, como foi dito, sempre foi uma narrativa que visava ordenar e nomear acontecimentos e objetos no mundo como modo de acessá-lo, levando em consideração, portanto, a “dupla natureza” dos objetos, isto é, não somente a compreensão do “lugar”/função de determinados objetos no mundo, mas a relevância dos mesmos em vista do aspecto paradigmático do tempo; o esclarecimento já contém em si o conhecimento, ou interpretação, da função social e norteadora do mito, isto é, ele se distancia daquilo que aponta como marca identitária de si próprio enquanto programa filosófico de “desencantamento” do mundo por um viés racionalista; não obstante, é justamente no aspecto distintivo que o esclarecimento ressalta, em detrimento com o mito, aquilo que o mune contra sua passividade em meio aos desdobramentos (meta)físicos de uma

narrativa mitológica. Enquanto a inclinação do mito é projetar um “mundo possível”, o esclarecimento inclina-se a pressupor um mundo dado no qual o ser humano é soberano<sup>2</sup>.

O mito, propriamente dito, tal como o esclarecimento, também leva em consideração as apreensões da realidade mediadas pelo arranjo simbólico da razão<sup>3</sup>, com a diferença gritante de que esse comportamento é “natural”, no sentido de que tudo se apresenta como pertencente a um arranjo discursivo acerca da realidade como “meio” de acessá-la e, conseqüentemente, vivenciá-la. Já em relação ao esclarecimento, embora seja notado, tal como o mito, a necessidade de interpretação da realidade como um grande ponto norteador quanto a “função” de um programa que visa esclarecer os indivíduos sobre o mundo em que habita, há muito mais, segundo os autores, a busca por dominar a realidade do que apenas, vivenciá-la e acessá-la segundo um arranjo simbólico discursivo acerca do mundo. Os autores mostram que o modo como se manifestam as mesmas pretensões de tornar apreensível/acessível a realidade, encontradas tanto no mito e esclarecimento, se distingue, portanto, pelo impulso de dominação do ser humano. Para eles, a marca da natureza humana é a dominação, de modo que esta, subsidiada pelo programa do esclarecimento, é, certamente, no entendimento dos mesmos, uma das causas relacionadas a tendência humana no que se refere ao retorno à barbárie, ao invés de ascende-la a um nível “digno” em vista de sua natureza racional. Assim, “uma única distinção, a distinção entre a própria existência e a realidade, engolfa todas as outras distinções. Destruídas as distinções, o mundo é submetido ao domínio dos homens.”(ADORNO, Theodor W. e HORKHEIMER, Max. *Dialética do Esclarecimento*. 1947. P7)

## 2.2 Segunda tese: o esclarecimento acaba por reverter à mitologia

*Do mesmo modo que os mitos já levam a cabo o esclarecimento, assim também o esclarecimento fica cada vez mais enredado, a cada passo que dá, na mitologia. Todo conteúdo, ele o recebe dos mitos, para destruí-los, e ao julgá-los, ele cai na órbita do mito. (ADORNO, Theodor W. e HORKHEIMER, Max. *Dialética do Esclarecimento*. 1947. P8)*

---

<sup>2</sup> E aqui já se encontra a chave para compreender a segunda tese, dado que, o esclarecimento se mostra *ainda mais mitológico* do que o próprio mito ao pressupor um mundo *dado*.

<sup>3</sup> Levando em conta, é claro, que a “razão” possui uma centralidade muito maior no esclarecimento (período pós-esclarecimento) do que no mito (período mitológico).

A pretensão do esclarecimento de estabelecer uma ruptura da narrativa mitológica enquanto mediação da realidade para um salto forçoso à imediatez do mundo *em si* já se mostra como fortemente mitológica - poder-se-ia dizer “ainda mais mitológica”, pois concebe um mundo *dado*. O esclarecimento, ao tentar libertar o ser humano do discurso mitológico, parte da imanência do mito para provar sua contradição; isto o faz, ironicamente, duplamente contraditório: o olhar mitológico é contraditório, no sentido ontológico e linguístico, ao afirmar que uma coisa é idêntica a si própria e outra ao mesmo tempo; como, por exemplo, um elemento ritualístico, um galho de uma árvore específica, que pode ser tanto um “produto da natureza”, o qual está inserido em um sistema de crenças tido como *dado* - isto é, “natureza” e “produto” da mesma - mas que faz parte da interpretação racional humana como um instrumento de condução do intento humano de materializar ou alterar a realidade presente. O esclarecimento visa suprimir esta segunda parte e retificar a primeira, ou seja, considerar um mundo *dado* no qual o ser humano merece ser livre e “deve” exercer seu domínio, não pelos subsídios que ele pode fornecer como a crença de que o galho de uma árvore tal pode servir como condutor da vontade humana, mas pela crença elucidativa de que é o próprio discurso que dá poder às coisas. “Mas quanto mais se desvanece a ilusão mágica, tanto mais inexoravelmente a repetição, sob o título da submissão à lei, prende o homem naquele ciclo que, objectualizado sob a forma da lei natural, parecia garanti-lo como um sujeito livre.” (ADORNO, Theodor W. e HORKHEIMER, Max. *Dialética do Esclarecimento*. 1947. P8/9)

A segunda tese, portanto, é consequência da primeira, pois necessita da premissa básica na qual se diz que “há muito do esclarecimento no mito” para dizer “há muito do mito no esclarecimento”. O caráter da repetição se explica justamente pela crença central do esclarecimento que se configura como seu aspecto mais mitológico, a saber: *o mito do dado*. “O princípio da imanência, a explicação de todo acontecimento como repetição, que o esclarecimento defende contra a imaginação mítica, é o princípio do próprio mito.” (ADORNO, Theodor W. e HORKHEIMER, Max. *Dialética do Esclarecimento*. 1947. P9)

Repetição, reprodução, mímese são palavras que denotam um estado de coisas tal que originou-se da tentativa frustrada de romper com a teleologia dogmática do mito no *mundo antigo*<sup>4</sup> e merecem uma atenção especial ao serem mencionadas, posto que os autores se mostram demasiadamente imersos no intento de narrar algo que de imensa dificuldade de

---

<sup>4</sup>Sendo esta expressão usada para referir-se ao mundo pré-esclarecido, isto é, no qual as interpretações do mundo não tinham como ressalvas o caráter mitológico nelas presentes.

comunicação - dado que relaciona-se muito mais a experiência no mundo esclarecido do que a compreensão do que foi o esclarecimento. Daí que, a terceira tese consiste como conclusão de suas duas premissas: *a indissociabilidade entre mito e esclarecimento*. Neste trabalho esta tese prioriza-se enquanto objeto de desenvolvimento subsidiado pelas pretensões dos autores, visando salientar a tese de que a natureza humana vincula-se fortemente ao símbolo e que o discurso humano sobre a realidade é sempre mitológico, no sentido de que toda interpretação ou diagnóstico de época é sempre mediado por uma interação que a humanidade tem com os símbolos compreendidos em determinados períodos de sua narrativa histórica. Com isso, pode-se dizer que a modernidade se mostra como uma nova era da humanidade, isto é, uma nova narrativa dentro de sua história, apenas

### 2.3 Terceira tese: sobre a indissociabilidade entre mito e esclarecimento

“A atualidade só pode se constituir como o ponto de intersecção entre o tempo e a eternidade” (HABERMAS, Jürgen. *O Discurso Filosófico da Modernidade*. 2002. P14)

É necessário situar de maneira mais precisa o *terreno* no qual toda a discursão deste trabalho se volta em vista de uma melhor compreensão acerca de suas considerações e pretensões com base no pensamento adorniano. Tal *espaço* compreende-se melhor como *tempo e história* na medida em que se nota tais elementos, devido à forte influência de Hegel nos escritos de Adorno, como imprescindíveis em qualquer análise filosófica e sociológica, tal como se nota em seu *diagnóstico* do período entreguerras narrado na obra *Dialética do esclarecimento*. Assim, o terreno mencionado consiste na *modernidade*.

Segundo Habermas, em sua obra *O discurso filosófico da modernidade*, Hegel foi o primeiro filósofo a conceber não só o maior problema da modernidade, mas como *ela* própria: um período marcado pela *ausência* e descrença generalizada em parâmetros a nortear-se senão quanto a seu próprio *dever*; pela negação do passado e a falta de expectativas quanto ao futuro em função das “frustrações”<sup>5</sup> históricas as quais desaguaram em um estado-

---

<sup>5</sup> Tratadas neste estudo sob o aspecto do recurso da narrativa mitológica como mediação necessária para conceber a realidade.

de-coisas imerso no ceticismo e positivismo cego. Hegel ainda sustenta a tese de que a *crise identitária* enfrentada na modernidade, que por sua vez a caracteriza, é profundamente filosófica, de modo que somente a filosofia, enquanto discurso dialético e fenomenológico, pode dar conta da narrativa construída pela humanidade desde os tempos antigos. “Ele vê a filosofia diante da tarefa de apreender em pensamento o seu tempo que, para ele, são os tempos modernos.” (HABERMAS, Jürgen. *O Discurso Filosófico da Modernidade*. 2002.P25)

Habermas, à luz de Benjamin, também pensa a modernidade como sendo caracterizada por um certo “compromisso” que se liga tanto à consciência acerca das violências sofridas pelas gerações do passado, quanto à necessidade, alimentada pela moral cristã, de “compensar” os danos e preservar as gerações futuras. Daí que, retomando o pensamento de Adorno no que toca à sua percepção sobre o mesmo objeto abordado por Habermas (a modernidade), pode-se dizer que o modo como pretendia-se reparar os *danos* do passado fora investindo fortemente em uma postura positivista e anti-mitológica. Diante disto, a terceira tese proposta pelos autores perpassa estas considerações com a grande ressalva de que a *abordagem* escolhida, isto é, o pensamento racionalista e positivista, tão marcantes na modernidade, embora visem extinguir todo o misticismo e a teleologia mítica, acaba por ser o *novo mito dos tempos modernos* e contemporâneos.

*O mítico respeito científico dos povos pelo dado, que eles no entanto estão continuamente a criar, acaba por se tornar ele próprio um facto positivo, a fortaleza diante da qual a imaginação revolucionária se envergonha de si mesma como utopismo e degenera numa confiança dócil na tendência objetiva da história.*  
(ADORNO, Theodor W. e HORKHEIMER, Max. *Dialética do Esclarecimento*. 1947. P22)

Assim, a terceira tese, inferida de suas premissas (as duas primeiras teses), tem como centro de discursão o caráter mitológico indissolúvel do programa esclarecimento com base na crítica que os autores fazem em relação ao discurso moderno e esclarecido que pretende aniquilar qualquer resíduo nostálgico e temeroso dos *tempos antigos* por um viés positivista, cuja maior frustração, não por acaso, é acabar por ser apenas mais um discurso mitológico do tempo. Daí que, a primeira parte deste trabalho conta com a compreensão das três teses abordadas como base e entendimento prévio necessário para apreensão do conteúdo que segue.

## 2.4 O que foi o esclarecimento

O programa esclarecimento visava “o desencantamento do mundo”, isto é, romper com o paradigma animista e construir um novo no qual a razão pudesse ocupar a função dos mitos ao mediar todos os fenômenos da natureza e das relações humanas. O aspecto mitológico que demonstrava orientar os indivíduos nas mais simples atividades cotidianas até os maiores rituais das sociedades antigas provocava um profundo incômodo e terror ao *espírito* do mundo moderno. Assim, de modo a romper com todos os laços que, certamente, ainda eram vivos no comportamento de todas as sociedades modernas, o esclarecimento fora um movimento de libertação do ser humano em vista do medo proeminente ao retorno às crenças teleológicas e teológicas acerca do *não-idêntico*<sup>6</sup>. Frente a estes objetivos, Adorno demonstra insinuar de maneira crítica que as tendências progressistas e tecnocratas não foram consequências inexoráveis no desenrolar das relações humanas ao longo da história, mas ambições fortemente relacionadas aos interesses da classe dominante, visto que o paralelismo progressista entre o desenvolvimento dos meios de produção e as próprias relações sociais demonstrava por si só uma grande manobra para assumir o controle geral das ações dos indivíduos.

No entanto, há também a hipótese mais ingênua de que seria, de fato, uma *ideologia* humanitária que surgiu através do desenvolvimento da capacidade reflexiva do ser humano a partir do reconhecimento fucral da história como artifício para a evolução da espécie no âmbito do saber, cujo desdobramento culminou em uma terrível crise que perdura até os tempos atuais. Tal programa estava inteiramente ligado ao *dever* histórico da humanidade. Com a descoberta de várias ferramentas que, a princípio, contribuiriam consideravelmente para a vida humana em prol do avanço tecnológico, inflou-se cada vez mais o desejo por transpassar às tendências progressistas no campo das ciências duras para a esfera social dos indivíduos. Este salto forçoso apresentou seus primeiros sintomas na complexificação dos meios de produção e na criação daquilo que Adorno denomina como “indústria cultural”. Neste sentido, o esclarecimento enraizou-se sobretudo em dois campos profundos na vida de todo indivíduo socializado: no trabalho e no prazer.

---

<sup>6</sup> Este termo será devidamente abordado e explicado ao longo do estudo, sobretudo no capítulo 2.

## 2.5 Sobre a transição e compreensão do paradigma mitológico

Adorno refere-se às práticas mágicas antigas com bastante perspicácia ao pensá-las como o modelo no qual o esclarecimento baseou-se para apoderar-se do elemento primordial no que tange ao “despertar” do sujeito esclarecido. “O despertar do sujeito tem por preço o reconhecimento do poder como o princípio de todas as relações”(ADORNO, Theodor W. e HORKHEIMER, Max. *Dialética do Esclarecimento*. 1947. P7). Nestas aos poucos fora possível contemplar de modo profundo e, ao mesmo tempo, ainda não tão evidente, o jogo simbólico do sujeito para com suas ações e o intento por trás delas. Todos objetos e signos que compunham os ritos mágicos, por exemplo, demonstravam que, mais do que o arranjo e uso de tais coisas, o que ordenava e dava “vida” aos procedimentos mágicos era o próprio sujeito. Embora este poder não fosse reconhecido de maneira tão evidente quanto na modernidade, mas enquanto uma força externa ao indivíduo, o *mana*, Adorno salienta que este princípio mágico fora incorporado no programa esclarecimento de maneira bastante astuta (e talvez inconscientemente), isto é, convertendo-o em “norma”.

O *mana*, era tido como uma força da natureza que permeava todas as relações de poder<sup>7</sup>, pois ele mesmo consistia em um grande poder encontrado em figuras proeminentes nas sociedades antigas. O lugar do mana era de grande importância coordenadora das ações humanas devido ao arranjo da rede simbólica que constituía o paradigma mitológico da antiguidade que, tal como qualquer rede de crenças, cada crença tinha sua função e a necessidade de ser respeitada dentro do sistema para que este pudesse garantir sua consistência e efetividade na realidade. O reconhecimento dessa tendência humana em sistematizar, mediar todas as ações, coordená-las e interpretá-las segundo os símbolos que compunham o imaginário coletivo do tempo vigente foi, segundo Adorno, a consciência que despertou o olhar humano para a possibilidade de “substituição” dos objetos tidos como necessários para realizar diversos rituais sagrados. Não obstante, essa mesma consciência, não por acaso, é o “ponto arquimediano” que sustenta toda a figuração do período moderno, o qual se pauta sobretudo na técnica e na racionalidade abstrata (ou instrumental) como norteadoras das ações humanas.

---

<sup>7</sup> Sendo *ele próprio* “sinônimo” de poder (mágico).

Assim,

a substitutividade converte-se na fungibilidade universal. Um átomo é desintegrado, não em substituição, mas como um espécime da matéria, e a cobaia atravessa, não em substituição, mas desconhecida como um simples exemplar, a paixão do laboratório.(ADORNO, Theodor W. e HORKHEIMER, Max. *Dialética do Esclarecimento*. 1947. P8)

É precisamente nesse ponto, isto é, na possibilidade de substituição dos objetos, pensa Adorno, que torna-se possível reconhecer a supremacia do esclarecimento enquanto um sistema totalitário que possui um poderoso argumento o qual, em tese, poderia de fato emancipar o ser humano frente a ausência de substancialidade no que toca ao agir segundo a história e sua vontade de conquistar sua autonomia em meio a ela. Na medida em que o ser humano percebe a verdadeira falta de necessidade em dar continuidade a certas práticas tidas durante toda a história como necessárias para harmonia das relações humanas com a natureza e, conseqüentemente, a possibilidade de ressignificar todas as práticas em seus propósitos, e sobretudo no modo como eram efetuadas, surge o interesse em reformular o lugar do ser humano no mundo. Daí que, assim como fora inigualavelmente observado por Hegel, a modernidade caracterizou-se pela a ausência de parâmetros a ser medida, como um período histórico que refletia-se em si próprio, tendo como maior referência o próprio indivíduo.

## 2.6 Sobre o novo paradigma mitológico advindo do esclarecimento e suas conseqüências

“O mito converte-se em esclarecimento, e a natureza em mera objectividade. O preço que os homens pagam pelo aumento de seu poder é a alienação daquilo sobre o que exercem o poder”. (ADORNO, Theodor W. e HORKHEIMER, Max. *Dialética do Esclarecimento*. 1947. P7)

Com a mudança estrutural do pensamento e da “semântica universal” das relações humanas, o esclarecimento promoveu uma nova leitura da sociedade com base em sua maior

arma contra o retorno à barbárie: *o sujeito*. Este passou a ser a medida de todas as coisas, visto que todas as relações e interpretações acerca das relações do ser humano com o meio provinham da capacidade reflexiva e linguística do mesmo. O esclarecimento fundamentou-se na figura humana como o novo Sol a ser adorado, desviando, assim, o curso que a história mostrava indicar seguir ao longo de todas as eras. “Para ele, o elemento básico do mito foi sempre o antropomorfismo”(ADORNO, Theodor W. e HORKHEIMER, Max. *Dialética do Esclarecimento*. 1947. P6). Porém, diferentemente de como tudo sempre tendeu a ser, agora o mito poderia ser rechaçado como princípio nostálgico dos tempos antigos e “sem luz”; subjugado junto à postura mística de nele acreditar sem escrúpulos e crítica. Assegurando o indivíduo acerca de sua independência frente ao poder dos deuses e às forças da natureza pela ideia de que tudo isso não passavam de narrativas criadas e recontadas por pessoas, as quais por diversas vezes visavam satisfazer seus interesses por meio delas, o esclarecimento inaugurou, assim, um novo paradigma, no qual (em tese) o sujeito pudesse ser livre do discurso mitológico e, finalmente, ressignificasse sua história na realidade que não mais fazia parte de um arranjo pré-estabelecido.

Todavia,

quanto mais se desvanece a ilusão mágica, tanto mais inexoravelmente a repetição, sob o título da submissão à lei, prende o homem naquele ciclo que, objectualizado sob a forma da lei natural, parecia garanti-lo como um sujeito livre. (ADORNO, Theodor W. e HORKHEIMER, Max. *Dialética do Esclarecimento*. 1947. P8/9)

A promessa da autonomia do sujeito tinha como maior premissa a não subjugação da vida à narrativa mitológica, de modo que com a sequência das outras desembocasse o argumento perfeito para a proposta do esclarecimento realizar-se no marco histórico que estava por vir. Adorno aponta essa grande premissa como uma saída presunçosa e característica para o “espírito” da modernidade, no sentido de que a tentativa de irromper no curso da humanidade com a hipótese de que “haveria outro modo de pensar que não fosse mitológico” gerou consequências gravíssimas para vida humana.

Segundo o filósofo, a mudança provocada no imaginário coletivo no que toca, sobretudo, ao aspecto da causalidade de todas as coisas<sup>8</sup> desembocou-se apenas em uma perspectiva alternativa do passado a qual seguia o mesmo princípio cardinal, a saber: o mito. A realidade passara, então, a ser interpretada sempre pelo aspecto da reprodução do saber,

---

<sup>8</sup> Princípio da imanência

tornando vazio e passível de escárnio todo e qualquer pensamento mítico, místico ou “esotérico”, tendo em vista que a consciência tão marcante acerca do caráter passivo da ação humana sobre os objetos e fenômenos que a cercam impedia o sujeito de pensar além do que já fora pensado, pois, caso contrário, seria acusado de retrocesso (o horror do tempo). Assim, “O princípio da imanência, a explicação de todo acontecimento como repetição, que o esclarecimento defende contra a imaginação mítica, é o princípio do próprio mito.” (ADORNO, Theodor W. e HORKHEIMER, Max. *Dialética do Esclarecimento*. 1947. P9)

As consequências dessa nova abordagem frente aos fenômenos no mundo possível tiveram maior notoriedade no âmbito da vida social e do trabalho, pensa Adorno. “O preço que se paga pela identidade de tudo com tudo é o facto de que nada, ao mesmo tempo, pode ser idêntico consigo mesmo.” (ADORNO, Theodor W. e HORKHEIMER, Max. *Dialética do Esclarecimento*. 1947. P9) O filósofo conecta a nova tendência humana em buscar sua auto conservação em meio à crise de identidade advinda da consciência histórica e social das relações de poder com o ato da repetição em todo espectro do saber enquanto uma nova etapa da narrativa mitológica da humanidade. Diante disto, Adorno interpreta como um dos maiores impactos do programa do esclarecimento na vida social a coerção. As relações humanas estavam inteiramente atreladas ao ponto de partida que orientava todas as ações dos indivíduos, que por sinal, eram eles próprios.

Não apenas são as qualidades dissolvidas no pensamento, mas os homens são forçados à real conformidade. O preço dessa vantagem, que é a indiferença do mercado pela origem das pessoas que nele vêm trocar suas mercadorias, é pago por elas mesmas ao deixarem que suas possibilidades inatas sejam modeladas pela produção das mercadorias que se podem comprar no mercado. (ADORNO, Theodor W. e HORKHEIMER, Max. *Dialética do Esclarecimento*. 1947. P9)

O indivíduo era moldado segundo o ritmo dos novos tempos. O pensamento esclarecido incentivava a livre “descoberta de si” através do que o meio pudesse oferecer como via de respostas. “Os homens receberam o seu eu como algo pertencente a cada um, diferente de todos os outros, para que ele possa com tanto maior segurança se tornar igual.” P9 Estava consolidada, portanto, a relação simétrica entre sujeito e sociedade.

## 2.7 Sobre a conversão do mana para norma

Com base na proposta de leitura deste estudo – e, falando de modo mais conciso e direto - Adorno tem como grande objeto de problematização em sua obra *o discurso* (ou narrativa); este se mostra como via de compreensão acerca da realidade e os fenômenos que a compõem, sendo ele também o apoio no qual se sustentam as relações humanas e as concepções acerca dos tempos antigos, ou mitológicos, em que o mana permeava por entre as explicações e compreensões dos objetos como o princípio norteador de tudo. A “conquista” do ser humano, glorificada pelo esclarecimento e motivada a proliferar-se pelo globo, isto é, o *conceito*, já demonstrava existir ainda que no regime mitológico anterior ao esclarecimento através de noções pouco evidentes em vista do estado declarado do mesmo enquanto regente do mundo moderno. Segundo o filósofo, “a separação do animado e do inanimado, a ocupação de lugares determinados por demônios e divindades, tem origem nesse pré-animismo. Nele já está virtualmente contida até mesmo a separação do sujeito e do objecto”. (ADORNO, Theodor W. e HORKHEIMER, Max. *Dialética do Esclarecimento*. 1947. P10)<sup>9</sup> É justamente na cisão entre sujeito e objeto que o conceito deixa seus rastros genealógicos, pensa Adorno, no sentido de que nos discursos mitológicos antigos, caracterizados como verdades atreladas a percepção do sujeito, já estaria demarcada a fronteira entre o que é parte do mundo possível, havendo um significado o qual distinguia os objetos entre si, e sua significância: sua relação valorativa com os demais objetos do mundo, ou seja, para além do seu significado. Havia, portanto, uma incongruência no que toca ao princípio de identidade das coisas que marcava o uso simbólico para identificar os objetos como não-idênticos, logo, uma *contradição*, pois

quando uma árvore é considerada não mais simplesmente como árvore, mas como testemunho de uma outra coisa, como sede do mana, a linguagem exprime a contradição de que uma coisa seria ao mesmo tempo ela mesma e outra coisa diferente dela, idêntica e não idêntica. (ADORNO, Theodor W. e HORKHEIMER, Max. *Dialética do Esclarecimento*. 1947. P10)

---

<sup>9</sup> É justamente na cisão entre *sujeito e objeto* que o conceito deixa seus *rastros genealógicos*, pensa Adorno. Este tema será devidamente tratado mais a frente na segunda parte deste estudo.

Para Adorno, o *conceito* foi aquilo que legitimou o saber próprio da espécie humana como o traço distintivo de sua “autoridade” sobre a natureza. A possibilidade de servir-se da contradição para compor a descrição do real revelou-se aos olhos despertos a chance de conquista da liberdade humana sobre grilhões do discurso mitológico. Diante disto, o programa esclarecimento pautou-se sobretudo na ressignificação daquilo que animava todos os seres (o *mana*), que era tido como externo ao sujeito e era a causa evidente do estado-de-coisas para assumir a forma do conceito. “O conceito, que se costuma definir como a unidade característica do que está nele subsumido, já era desde o início o produto do pensamento dialético, no qual cada coisa só é o que ela é tornando-se aquilo que ela não é.” (ADORNO, Theodor W. e HORKHEIMER, Max. *Dialética do Esclarecimento*. 1947. P10) Neste sentido, a ruptura paradigmática da relação do sujeito com o objeto se manifesta sintomaticamente com a noção de linguagem, a qual surge como um *meio* de comunicar ou representar uma ideia, objeto, emoção, etc.

Frente ao olhar que observa o símbolo e não o objeto, o esclarecimento, como um véu que acoberta todas as coisas, delimitou uma natureza dupla para cada objeto. Desse modo, ambiguidade da percepção parece fundamentar-se no impulso antigo de guiar-se por algo externo a si próprio (o *mana*) em atrito com o conceito normativo que dá nome e, conseqüentemente, função a todas as coisas. A rede de significados que se constrói ao longo do processo do crescimento do esclarecimento culmina na regência totalitária da norma enquanto princípio substituto ao *mana*.

Como atestam os hieróglifos, a palavra exerceu originariamente também a função da imagem. Esta função passou para os mitos. Os mitos, assim como os ritos mágicos, têm em vista a natureza que se repete. Ela é o âmago do simbólico: um ser ou um processo representado como eterno porque deve voltar sempre a ocorrer na efectuação do símbolo. Inexauribilidade, renovação infinita, permanência do significado não são apenas atributos de todos os símbolos, mas seu verdadeiro conteúdo. (ADORNO, Theodor W. e HORKHEIMER, Max. *Dialética do Esclarecimento*. 1947. P11)

A grande eloquência e contradição do símbolo deve-se, segundo Adorno, ao caráter *eterno* contido no mesmo, posto que o conteúdo aprisionado no signo transmite muito mais do que um componente que contribui para o sentido de uma sentença, ele respalda a experiência antiga de lidar com a realidade imediata ao mesmo tempo em que atualiza e coage o sujeito a interpretar o mundo a partir de uma *gramática* na qual todos os significados dos símbolos podem ser consultados e pragmaticamente compreendidos por todas as pessoas.

Todavia, esta mudança na postura do sujeito esclarecido, isto é, a consciência acerca do manejo simbólico dos objetos, não lhe rendera, como pretendia o pensamento esclarecido, o domínio sobre os mesmos, mas, pelo contrário, a subordinação a essa concepção. “Onde quer que a etnologia o encontre, o sentimento de horror de que se origina o mana já tinha recebido a sanção pelo menos dos mais velhos da tribo. O mana não-idêntico e difuso é tornado consistente pelos homens e materializado à força.” (ADORNO, Theodor W. e HORKHEIMER, Max. *Dialética do Esclarecimento*. 1947. P12). O mana diluiu-se nas relações de poder em sua forma normativa e incontestável. Aquilo que antes fora concebido como uma força natural com a qual determinados indivíduos serviam-se para exercer determinadas funções e tinham o reconhecimento de sua posição destoante para com os demais em vista do poder que carregavam foi suprimido, dando visibilidade apenas para a posição que o indivíduo assumia e o poder de influência do mesmo em função de tal notoriedade pública.

Aquilo que acontece a todos por obra e graça de poucos realiza-se sempre como a subjugação dos indivíduos por muitos: a opressão da sociedade tem sempre o carácter da opressão por uma colectividade. É essa unidade de colectividade e dominação e não a universalidade social imediata, a solidariedade, que se sedimenta nas formas do pensamento.(ADORNO, Theodor W. e HORKHEIMER, Max. *Dialética do Esclarecimento*. 1947. P13)

A inexorabilidade da rede simbólica de todas as coisas, pensa Adorno, fez de cada indivíduo refém daquilo que é *etéreo*, que pertence ao campo dos conceitos. A linguagem passa a ser, com o advento do esclarecimento, muito mais do que um mero instrumento da razão ou “meio” para comunicar e representar tudo o que pode ser comunicável e representável, ela adquire seu carácter coercitivo e sua imediatez no olhar, pensar e agir automatizado dos indivíduos frente aos objetos que, tal como no período anterior ao esclarecimento, ganharam vida enquanto agentes coordenativos da realidade. Diante disto, Adorno tece grandes ressalvas quanto ao temor e horror dos indivíduos no que se refere ao retorno ou lembranças nostálgicas da *barbárie*, isto é, o retorno ao mito.

## 2.8 Sobre a nova leitura do mundo esclarecido, signos matemáticos e o Mito do dado

Para a mentalidade científica, o desinteresse do pensamento pela tarefa de preparar o factual, a transgressão da esfera da realidade é desvario e autodestruição, do mesmo modo que, para o feiticeiro do mundo primitivo, a transgressão do círculo mágico traçado para a invocação, e nos dois casos tomam-se providências para que a infracção do tabu acabe realmente em desgraça para o sacrílego. (ADORNO, Theodor W. e HORKHEIMER, Max. *Dialética do Esclarecimento*. 1947. P15)

Segundo Adorno, o mundo esclarecido possui um modo próprio a ser lido, uma linguagem que o decifra dentro dos seus próprios parâmetros de construção e autoconservação: a matemática. A transição do mundo mitológico, antigo, primitivo, para era da razão, do saber científico, foi marcada profundamente pelas mudanças epistêmicas dos sujeitos em relação ao contato com os objetos do mundo e evoluíram para um patamar paradigmático. O arranjo simbólico dos indivíduos migrou para as operações matemáticas, nas quais todos os objetos do mundo têm previamente seu lugar: “O procedimento matemático tornou-se, por assim dizer, o ritual do pensamento.” P15 O impacto causado pelo discurso do programa do esclarecimento no campo da experiência do indivíduo é melhor notado em sua postura frente ao desconhecido. Enquanto que nos tempos antigos era-se consultado oráculos, sacerdotes, feiticeiros e a própria narrativa mitológica para interpretar aquilo que não se sabia, o sujeito esclarecido, imerso no mundo moderno e intransigente às crenças transcendentais confia em seu juízo analítico e matemático para experimentar o mundo “tal como é”. Os objetos passam a ser, então, isolados e analisados sob o olhar quântico que tudo destrincha e encontra seus rastros ontológicos através da crença generalizada nos *aspectos formais* da matéria (*qualities*), e não mais pelo caráter *holista* do significado e significância dos objetos no mundo dado pela narrativa mitológica.

No entanto, “na redução do pensamento a uma aparelhagem matemática está implícita a ratificação do mundo como sua própria medida.” (ADORNO, Theodor W. e HORKHEIMER, Max. *Dialética do Esclarecimento*. 1947. P15) Adorno salienta o caráter autorreferencial do mundo moderno flagrado nessa nova postura epistêmica e paradigmática do sujeito esclarecido por meio de sua tese denominada como *mito do dado*. Para o filósofo,

o formalismo matemático, cujo instrumento é o número, a figura mais abstracta do imediato, mantém o pensamento firmemente preso à mera imediatidade. O factual tem a última palavra, o conhecimento restringe-se à sua repetição, o pensamento transforma-se na mera tautologia. (ADORNO, Theodor W. e HORKHEIMER, Max. *Dialética do Esclarecimento*. 1947. P15)

## 2.9 O mito do dado

O que aparece como triunfo da racionalidade objectiva, a submissão de todo ente ao formalismo lógico, tem por preço a subordinação obediente da razão ao imediatamente dado. (ADORNO, Theodor W. e HORKHEIMER, Max. *Dialética do Esclarecimento*. 1947. P15)

O *mito do dado* caracteriza-se como o novo paradigma regente do mundo esclarecido; uma postura própria do sujeito moderno diante da natureza de todas as coisas, posto que a rede de crenças deste novo mundo liquefaz-se na linguagem matemática, na qual a realidade concreta dos objetos não altera os produtos obtidos em suas operações. A experiência do sujeito, caracterizada na modernidade pela cisão entre sujeito e objeto, determina o caráter objetivo do mundo na medida em que este não pode mais aderir ao retorno à barbárie, isto é, aos mitos. Deste modo, é justamente a “equivalência” equivocada entre o juízo moderno e esclarecido e os princípios lógicos e matemáticos que ratifica o mito do imediatamente dado como o paradigma realista da contemporaneidade. Tal correspondência, ludibriada e ludibriante, é também, segundo Adorno, a causa do caráter totalitário e sólido do sistema de opressão na modernidade no que se refere aquilo que autores como Marx, Nietzsche e Freud pensaram respectivamente como: a expropriação da *força de trabalho*, a *vontade de potência*

e as *pulsões* de caráter idílico (*libido*) do sujeito moderno. Assim, a tese tão marcante do autor, isto é, a indissociabilidade das interpretações mitológicas humanas acerca dos fenômenos, ganha subsídios poderosos para afirmar-se como coerente em relação a realidade fatídica da humanidade.

Quanto mais a maquinaria do pensamento subjuga o que existe, tanto mais cegamente ela se contenta com essa reprodução. Desse modo, o esclarecimento regride à mitologia da qual jamais soube escapar. Pois, em suas figuras, a mitologia reflectira a essência da ordem existente – o processo cíclico, o destino, a dominação do mundo – como a verdade e abdicara da esperança. (ADORNO, Theodor W. e HORKHEIMER, Max. *Dialética do Esclarecimento*. 1947. P15)

A concatenação entre experiência do indivíduo, a nova rede simbólica do mundo e o ritmo industrial da modernidade tem como efeito a perfeita coação do sujeito às normas sociais. Este torna-se produto e objeto do meio em vista da correspondência entre suas condutas cotidianas e as ideias que o inspiram a conquistar *seu lugar no mundo*. Segundo Adorno, a subordinação do indivíduo moderno através de sua objetificação tem suas raízes no próprio apetite humano em subordinar; os ideais do programa esclarecimento abriram um novo céu no qual os deuses e deusas que regiam a vida humana e traziam a luz para o que era incógnito foram banidos e esquecidos pelo juízo imediatista e pragmático, restando nada além de estrelas que também deixam de existir pela opacidade do novo céu poluído pelos gases da cidade industrializada.

O preço da dominação não é meramente a alienação dos homens com relação aos objectos dominados; com a coisificação do espírito, as próprias relações dos homens foram enfeitiçadas, inclusive as relações de cada indivíduo consigo mesmo. Ele se reduz a um ponto nodal das reacções e funções convencionais que se esperam dele como algo objectivo. (ADORNO, Theodor W. e HORKHEIMER, Max. *Dialética do Esclarecimento*. 1947. P16)

### 3. Capítulo 2 - Sobre a experiência do sujeito moderno

#### 3.1 Introdução à segunda parte

É imprescindível tratar da experiência do sujeito *esclarecido* em vista do que até então foi dito. Será demonstrado que é exatamente nela que se encontra o núcleo de toda dominação e coerção social na contemporaneidade, segundo Adorno. Não obstante, a segunda parte deste estudo tem como objetivo desenvolver o *porquê* de somente através dela a crítica acerca do estado-de-coisas se mostra viável como única alternativa a ser usada para superar os tempos atuais de modo conveniente, isto é, *imanentemente*.

Retomando o fio condutor deste trabalho, a transição do mundo antigo à modernidade a partir da mediação do programa esclarecimento, faz-se necessário ressaltar os pontos que, se postos em sequência, desvelam a experiência do sujeito como a chave central de compreensão sobre todo o emaranhado de questões e considerações relacionadas ao *espaço* de discurso deste estudo.

Primeiramente, (i) *o mundo antigo*, tratado neste trabalho como uma *era* na qual a realidade tinha como *véu* o mito, acobertava-se nas narrativas mitológicas tal como Durkheim pensava os  *fatos sociais*: elas eram externas aos indivíduos, os coagiam e forneciam o *panorama* da realidade situada da vida em comunidade. Portanto, o mito, propriamente dito, não denotava o significado “moderno” tal como nos *tempos antigos*; somente com o avanço do programa esclarecimento o discurso, o qual mediava as relações humanas entre si e com a natureza, foi apreendido como *mitológico*; até então, tratava-se da realidade *em si*. Esta concepção fala sobre o conteúdo da primeira tese exposta no prefácio da obra *Dialética do Esclarecimento*, a saber: *o mito já é esclarecimento*. O que se segue dela, a segunda tese, (ii) refere-se ao caráter mitológico do esclarecimento, posto que suas pretensões, sobretudo a liberdade e autonomia do sujeito, em vista de suas realizações no mundo real, manifestaram-se como um discurso *ainda mais* mitológico do que aqueles que precediam. Daí que, *o esclarecimento acaba por reverter ao mito*. Pressupor um mundo *dado* o qual não carece de mediação é dar continuidade à mesma atividade simbólica e humana de interpretar a realidade segundo seus parâmetros sociais e políticos.

Assim, a terceira tese, **(iii) a indissociabilidade do mito do esclarecimento e a história**, a qual fala justamente de tal atividade de construir narrativas para interpretar o mundo em suas diversas facetas como uma idiosincrasia da humanidade, é pensada pelos autores como o esclarecimento enquanto ideologia. Ou seja, o esclarecimento ganhou proporções altíssimas e agora se mostra como o “novo mito da modernidade”; suas raízes, como foi dito, a cisão entre sujeito e objeto, podem, segundo os autores, serem intuitivamente percebidas na “dupla natureza” dos objetos do mundo antigo.

A *contradição* expressa-se na experiência do sujeito moderno, sintomaticamente, como *angústia* e *sofrimento*. A cisão entre sujeito e objeto, que por sua vez é também causa da contradição apontada, é particularmente abordada por Adorno em sua obra *Sobre o sujeito e objeto*. Nela o autor fala de que maneira a *subjetividade* atua de modo opressor nos tempos em que *ela* tem seu espaço privilegiado como centro das relações humanas, mostrando, assim, seu aspecto *ideológico* por trás da cisão entre sujeito e objeto.

### 3.2 Sujeito e objeto

Para Adorno, a reflexão filosófica acerca da dicotomia entre *público* e *privado* notada no conceito de *sujeito* é imprescindível para tratar da relação entre *sujeito* e *objeto*, pois, segundo o filósofo, o *sujeito* é recorrentemente pensado tanto como um *sujeito específico*, isto é, um indivíduo singular o qual possui suas idiosincrasias e existência única e *situada*<sup>10</sup>, quanto em sua *forma universalizada* e reduzida a um conceito amplo da experiência subjetiva *substancializada* no termo *sujeito*<sup>11</sup>. O filósofo percebe nesta dicotomia entre sujeito privado e público uma ruptura contrastante entre *sujeito* e *objeto*, no sentido de que, ao relacionar o primeiro termo ao segundo, infere-se, dado o uso dos conceitos e a compreensão *ontológica* advinda dos mesmos, uma relação de subordinação marcada entre a *subjetividade* e *conceito*. O atrito que se apresenta com tal ruptura é sintomático, pensa Adorno, e tem suas raízes na teoria do conhecimento moderna. O caráter epistêmico frente à realidade é explicado pelo filósofo por meio da postura particular que os indivíduos socializados passaram a assumir no que toca ao *uso dos conceitos*, sobretudo na *dependência* do sujeito para com o objeto, dada

---

<sup>10</sup> O *sujeito empírico*, dotado de cultura e concepções próprias motivadas pelo meio que habita.

<sup>11</sup> Neste caso, é possível pensar o *sujeito* como resultado de processos epistêmicos que acompanham os desdobramentos históricos, isto é, a mera redução da possibilidade de experiência a um conceito.

sua *primazia*. As contradições que surgem com este processo epistemológico de *identificação*, tanto do objeto em relação ao sujeito, quanto, e sobretudo, do sujeito frente ao objeto, assumem também seu caráter *ideológico* na medida em que dela surge uma relação dialética materialista constitutiva da experiência subjetiva e, conseqüentemente, da formação de um modelo específico de sociedade e manutenção da mesma. Daí que

*a reflexão do sujeito sobre seu próprio formalismo é reflexão sobre a sociedade, com o paradoxo de que, de acordo com a intenção do último Durkheim, os formadores [Formanten] constitutivos originam-se socialmente, embora, por outro lado - ponto em que pode insistir a teoria do conhecimento corrente - sejam objetivamente válidos; as argumentações de Durkheim o supõem já em cada proposição que demonstra seu caráter condicionado. Este paradoxo talvez seja expressão do cativo objetivo do sujeito dentro de si. (ADORNO, Theodor W. Sobre Sujeito e Objeto. 2005. P11)*

Segundo a crítica que Adorno faz à teoria do conhecimento moderna, o sujeito é sempre interpretado como *sujeito transcendental*. Em vista disto, é preciso ter em mente a forte inspiração nas concepções de Kant acerca das *formas fixas e imutáveis da consciência transcendental* na formação de tal interpretação, dado o caráter *apriorístico* e, portanto, *atemporal*<sup>12</sup>, do sujeito em todas as relações sociais. A figura do sujeito transcendental compreendida desta forma, isto é, distante do tempo e espaço, mesmo sendo agente de tais relações, é fucral para entender o *porquê* da cisão epistêmica entre sujeito e objeto atuar como *ideologia*, posto que, para o filósofo, a despeito do caráter evidentemente abstrato da figura do *sujeito transcendental* - o qual foi demonstrado por Kant pela relação hierárquica entre o sujeito transcendental e empírico, sendo este constitutivo daquele (a princípio) - sua realidade ontológica enquanto formadora da experiência empírica dos indivíduos tornou-se ainda mais consistente do que a do próprio sujeito empírico, singular, existente de fato. Ou seja,

*homem singular vivente (der lebendige Einzelmensch) - tal como é forçado a atuar e para o que também foi cunhado em si - é, enquanto encarnação do 'homo oeconomicus', antes o sujeito transcendental que o indivíduo vivente, pelo qual, contudo, deve se fazer passar imediatamente. (ADORNO, Theodor W. Sobre Sujeito e Objeto. 2005. P4)*

---

<sup>12</sup> Com isto pretendo enfatizar a crítica que Adorno e Hegel fazem ao caráter constitutivo da história no que toca a formação do *pensar* ao longo do tempo.

Assim, o sujeito transcendental só possui seu status de *soberano* no mundo moderno em vista das condições paradigmáticas (ou ideológicas) que o permitem reger a ontologia dos objetos partindo sempre de sua própria ontologia, ou melhor dizendo: sua *subjetividade*. Em outras palavras, o sujeito só passou a ser compreendido como *sujeito transcendental* com a *objetificação* dos indivíduos, com a redução da vida do sujeito empírico a *relações que têm seu modelo na troca*.(p4) Portanto, a inversão do sujeito particular (*privado*) para sujeito universal (*público*), ou do sujeito empírico para o transcendental, demonstra sua íntima relação com a cisão entre sujeito e objeto no modo como tal relação se dá é, isto é, na medida em que a realidade material e a experiência empírica do sujeito são abstraídas e subjugadas ao serem interpretadas por este viés *idealista*, o qual acompanha o ritmo das transformações sociais, e sobretudo do mercado. Com isso, a própria subjetividade, a qual se vê dominante sobre os objetos, *objetifica-se* no processo de identificação com o próprio objeto, fazendo de si própria refém do mundo que construiu.

Aquilo que a filosofia transcendental exaltou na subjetividade criadora é o cativo do sujeito em si, oculto para ele mesmo. Em todo objetivo pensado por ele, permanece preso como um animal dentro de sua carapaça da qual quisesse, em vão, libertar-se; só que a este não lhe ocorreria alardear como liberdade o seu cativo. (ADORNO, Theodor W. *Sobre Sujeito e Objeto*. 2005. P7)

### 3.3 Sobre o primado do objeto

*A primazia do objeto comprova-se pelo fato de que este altera qualitativamente as opiniões da consciência coisificada, que cultivam uma relação sem atritos com o subjetivismo. Este não tange o realismo ingênuo enquanto conteúdo, mas sim trata pura e simplesmente de proporcionar critérios formais de sua validade, assim como o confirma a fórmula kantiana do realismo empírico.* (ADORNO, Theodor W. *Sobre Sujeito e Objeto*. 2005. P6)

A experiência do sujeito transcendental, diz Adorno, perpassa constantemente no que denominou-se na tradição filosófica idealista como primazia do objeto. Esta concepção fala de um posicionamento epistemológico no qual o objeto, ou, dito de outro modo, o mundo possível, é necessário para que haja experiência subjetiva. A razão que sustenta esta tese se prova pela dependência da experiência empírica em relação ao tempo e espaço, a qual tem

como ponto de apoio, então, *o objeto*, cujo significado compreende-se na análise crítica adorniana como um *realismo ingênuo necessário historicamente*.

Contudo, embora o objeto possua, a princípio, uma realidade ontológica consistente, tangível e material, por assim dizer, o modo como ele é compreendido em suas bases epistêmicas idealistas entra em conflito com tal pretensão de *concretude*. Adorno, com base na filosofia kantiana acerca da primazia do objeto como condicionante da realidade e, juntamente com a ideia, também kantiana, do sujeito transcendental como constituinte da realidade, demonstra haver uma profunda contradição na relação entre sujeito e objeto marcada pela relação entre condicionante e condicionado. Ora, se o objeto, segundo a tradição filosófica idealista, consiste no fator imprescindível e responsável pela possibilidade de experiência subjetiva, em que medida o sujeito transcendental pode ser ainda considerado como “constituente” da realidade? Não obstante, se ainda mantida a concepção central a qual caracteriza sujeito transcendental, isto é, a ideia das *categorias do entendimento* como necessárias na apreensão do mundo (objeto), ainda assim é possível sustentar a soberania do sujeito sobre o objeto?

### 3.4 Idealismo e ideologia

Vê-se, com base nas considerações de Adorno, que, sejam quais forem as respostas para estas questões, há uma grande necessidade de reflexão sobre o sujeito tanto quanto sobre o objeto em níveis de abstração não somente filosóficos e epistêmicos, mas sociais. Na medida em que o sujeito, compreendido aqui como transcendental, passa a ocupar um espaço constituinte de todas relações humanas e com o meio em determinado tempo histórico no qual as relações de troca e o pensamento mercadológico demonstram reger a vida social dos indivíduos socializados, o aspecto meramente epistêmico passa a ser ideológico. A hipótese dos conceitos, constantemente apontada por Adorno assim como Hegel, como uma das marcas identitárias da modernidade, pode ser interpretada como o resultado mal compreendido da dialética entre o sujeito e objeto pelos indivíduos modernos esclarecidos em vista da experiência dos mesmos a qual - diferentemente do modo como ela se dá na práxis social, ou seja, ignorando seu caráter empírico, situado e materialista, devido a primazia da subjetividade transcendental – ocorre concomitantemente aos desdobramentos históricos e

sociais do tempo; ela retrata com grande representatividade em *quê* consiste a experiência subjetiva na (modernidade, posto que aquilo que Adorno compreende por *fetichismo do conhecimento e compulsão pelo idêntico* está profundamente ligado ao modo como o sujeito moderno, ou *esclarecido*, concebe seus próprios pensamentos.

Na medida em que o pensamento imerge naquilo que se encontra inicialmente à sua frente e apreende seu caráter antinômico imanente, ele se abandona à ideia de algo que se encontraria para além da contradição. A oposição do pensamento ao seu heterogêneo reproduz-se no próprio pensamento enquanto a sua contradição imanente (ADORNO, Theodor W. *Dialética Negativa*. 2009. P96)

Assim como foi dito, dentre as terríveis consequências do esclarecimento na história da humanidade, a pior delas encontra-se pulsante nas relações intersubjetivas dos sujeitos: é precisamente no *pensar* que a ideologia de tal programa atrofia-se junto à compulsão coagulante da vontade humana pela identificação. *Este* é, segundo Adorno, *o princípio* uno norteador da consciência e do *espírito* do tempo, o qual, sob o olhar atento às ideias basilares do esclarecimento, é o resultado infrutífero da tentativa de empoderar o sujeito a conceber a realidade “tal como ela é”, livre dos grilhões do discurso mitológico. Por ironia do destino, ou simplesmente por uma *razão suficiente*, seu caráter absoluto enquanto sistema que opera seu controle imanentemente se nota justamente como antídoto à sedução do conceito e ao *fetichismo do conhecimento* que tanto incita o sujeito esclarecido a agir e pensar. “Se a humanidade deve se libertar da compulsão que realmente se abate sobre ela sob a forma da identificação, então ela precisa alcançar ao mesmo tempo a identidade com o seu conceito.”(ADORNO, Theodor W. *Dialética Negativa*. 2009. P96)

Adorno identifica a raiz dos paradoxos sociais e existenciais da modernidade na própria inclinação humana, adquirida no tempo, por assimilar os objetos no mundo como *dados*. Este novo mito, que surgira no desdobrar das tendências positivistas promovidas pelo *esclarecimento*, rege a realidade dos seres humanos modernos tal como os deuses antigos que reinavam nos céus e coordenavam a vida humana nas mais fúteis, sutis e particulares condutas em relação ao *dever* da experiência (inter)subjetiva, até as maiores decisões políticas das comunidades antigas. O temor de retorno a este sistema de crenças generalizado e mitológico demonstrou conduzir, historicamente, o sujeito a distanciar-se cada vez mais da lucidez que tanto ansiava, atirando-o ao estado miserável de sua condição de *minoridade* incontornável.

### 3.5 Crítica à filosofia kantiana

A crítica que Adorno faz a Kant relaciona-se com sua perspectiva acerca do modo como o juízo se concretizou com o avanço das tendências positivistas no âmbito da linguagem. A reificação constante do conceito e sua pretensão de auto suficiência ignora a realidade ôntica que transborda dos objetos que visa dominar. Assim, da concepção sobre a *sensação*, por exemplo, em Kant, enquanto parte imprescindível do exercício de conhecer a natureza das coisas, isto é, a experiência, infere-se uma enorme contradição no que diz respeito à tese do *primado do objeto (coisa em si)*, pois “essa ideia deduz-se da dominação do conceito que gostaria de permanecer constante ante seus conteúdos, precisamente ante a ‘matéria’, e, por isso, se torna cego em relação a ela”(ADORNO, Theodor W. *Dialética Negativa*. 2009. P91) A fuga constante do *não-idêntico* estende-se, ao que parece, até mesmo para realidade *física* do objeto, no sentido de que, a despeito de sua *concretude*, sua ontologia não resumir-se à sua realidade material, em Kant, esta ainda demonstra uma grande relevância na possibilidade do sujeito conhecer o objeto - e até mesmo sua materialidade é posta em segundo plano. “Com isso, porém, cairia por terra a ideia de algo imutável, igual a si mesmo”(ADORNO, Theodor W. *Dialética Negativa*. 2009. P91), posto que os dois fatores que viabilizam a possibilidade de conhecimento, o objeto (matéria/conteúdo) e o sujeito (categorias do entendimento/forma), vêm-se em uma relação interdependente na qual não há *certeza* sobre a ontologia de ambas as coisas senão pela interação entre elas. Portanto, para Adorno, o *primado do objeto* é certamente uma concepção filosófica a ser problematizada com urgência no período narrado pelo filósofo, pois tal concepção ratifica a crença generalizada na possibilidade de acesso imediato ao objeto baseando-se, ainda, em uma perspectiva dualista de mundo na qual o sujeito transcende sua relação ontológica com o mesmo.

### 3.6 Excurso sobre a personalidade-mana – Jung

A cena trágica que Adorno quer flagrar com sua “meta-crítica” é muito bem expressa pelo mito de Édipo, no qual o “saber escatológico” do herói - também contemplado em alguns escritos de Jung - é tanto a salvação como a angústia do mesmo. O mito mostra o quão implacável é o destino e o quão impotente é o sujeito que intenta contrariar as *Leis*, mesmo ao tomar conta destas – e justamente por ter adquirido tamanha “lucidez”. Adorno, fortemente inspirado por Hegel, apresenta uma leitura do mundo e para os seus grandes problemas enfrentados no período “pós-esclarecimento” através do método dialético e negativo, que por sua vez, é tanto a saída como a porta de entrada da angústia presente nas relações concretas e sociais da atualidade. Com base nesta mesma *cena*, é possível encontrar no pensamento de Jung alguns subsídios preciosos para *figurar* a experiência do sujeito moderno em um nível *infra-psíquico*. É preciso, agora, *suspender* o curso e a *forma* que este estudo tem tomado, sem abandonar, portanto, suas perspectivas centrais, a fim de conceber um pouco mais a profundidade da experiência do *bicho-humano* com os símbolos e o quão insustentável ela pode ser em vista das contradições de ordem epistêmica, social e psicológica advindas da *mudança* paradigmática entre o *mundo antigo* e a modernidade.

Jung, em sua obra *O eu e o inconsciente*, trata sobre um ponto de imenso valor elucidativo relacionado a menção de Adorno ao mito de Édipo: a *personalidade-mana*. Para o autor, todo indivíduo é afetado pelas forças de caráter libidinal do *inconsciente pessoal* e *coletivo*, de modo que aquilo que caracteriza o percentual consciente acerca deste *universo* é minúsculo e risório em vista do mesmo. Os conteúdos do inconsciente encontram-se primordialmente no campo individual e imparcial do sujeito, mas “exteriorizam-se” em símbolos compartilhados e passam a pertencerem ao *inconsciente coletivo*. O sujeito socializado mantém contato tanto com seu *inconsciente parcial*, quanto com o seu *inconsciente imparcial*, ou *coletivo*, através de sua experiência no mundo e formação da *persona*, isto é, a compilação de conteúdos do *inconsciente* que, em atrito com as normas sociais conscientes formam uma identidade consciente do sujeito para ter acesso ao mundo e suas práticas sociais. Percebe-se, então, que a *persona* é o estado consciente extremamente limitado que um sujeito tem acerca de si mesmo e que precisa ter para conviver em sociedade. A *persona* contém toda a economia dos valores e conceitos do meio ao qual o

sujeito pertence e que tem acesso de forma fragmentada em seu modo de pensar e coordenar suas ações.

Na esfera pessoal do indivíduo, existe também a imagem gerada pelas forças do *inconsciente parcial* do sujeito (*imago*) que se responsabiliza pela apreensão das mesmas, a qual é tratada por Jung como *anima* para os homens, sendo sempre uma representação feminina do seu *inconsciente* e *animus*, para as mulheres, como representação masculina. O indivíduo “comum” está subordinado às ações do seu *anima*, e por isso encontra-se mais suscetível aos seus impulsos de natureza desconhecida (*inconsciente*) e, conseqüentemente, reproduz indeliberadamente os conteúdos tanto de ordem *parcial* como *imparcial* do *inconsciente*. Jung pensa que, por meio do exercício e práticas de autoconhecimento, o ser humano pode se apoderar do comando de seu *anima* adquirindo assim seu *mana*<sup>13</sup>, ou seja, uma força poderosa que nos tempos antigos relacionava-se sempre à figura do “mago”, “sacerdote”, à “Grande Mãe”, à toda figura de alto poder dentro de um meio social que ainda tivesse o princípio da “magia” como fonte gerenciamento das coisas. Com isso, o indivíduo passa a ter aquilo que o autor denominou de *personalidade- mana*.

*A personalidade-mana representa um ser de uma sabedoria superior e de uma vontade igualmente superior. Quem conscientizar os conteúdos básicos desta personalidade tem que assumir o fato de ter aprendido a conhecer e querer mais do que os outros. (JUNG, Carl. 1978. P 128)*

É no caráter arquetípico da *personalidade-mana* que se encontra o maior problema ao lidar com tanto poder. Segundo Jung, “o homem possuído por um arquétipo se converte numa figura coletiva, numa espécie de máscara atrás da qual sua humanidade não pode desenvolver-se, atrofiando-se cada vez mais.” (JUNG, Carl. 1978. P125) A noção de ter-se dado conta de si mesmo de maneira tão profunda “infla” o ego de qualquer indivíduo fazendo-o distinguir-se hierarquicamente dos demais. Ver-se como uma figura tal, como a do “mago” ou “sacerdote”, é lidar com forças demasiadamente superiores do *inconsciente*, com as quais qualquer ser humano não é capaz de gerenciar por serem constituintes de sua “natureza

---

<sup>13</sup> O caráter *sincrônico* do uso semântico do termo *mana* é o grande ponto de conexão entre Adorno e Jung neste trabalho. É importante salientar que tal conexão não se dá *tão somente* pelo uso do mesmo termo em estudos distintos, mas a *quê* ele remete, ou seja, dois autores de diferentes campos do conhecimento, ambos contemporâneos e se interessam por investigar a experiência humana no mundo contemporâneo recorrendo às concepções mitológicas do passado para compreender ou interpretar o presente, não é de modo algum *sintomático*? De certa maneira, ambos os autores não estariam tentando recuperar ou *iluminar* a consciência quanto a um certo *princípio* muito antigo que a humanidade contou até os tempos atuais para perpetuar sua história?

consciente”, portanto superiores a ela própria. Apoiar-se na imagem que traduz o sentimento de potência e poder dado pelo empoderamento do “eu” contra as forças de seu *anima* é estar suscetível às “investidas” do *inconsciente parcial e coletivo*.

Bom, dito de outro modo, não seria “este” o intento do *esclarecimento*? Ascender o ser humano ao seu estado de *maioridade* e emancipação, para dominar a Natureza e sua natureza por meio da razão? Tornar todo indivíduo consciente acerca de si próprio e assim empoderar-se de sua própria vontade, livrando-se de suas paixões que tanto lhe subordinam? A tese de Jung pode ser bastante conveniente para este tipo de aproximação, pois fornece uma visão altamente profunda e abstrata das consequências do programa *esclarecimento* na experiência infra-psíquica do indivíduo em uma linguagem própria, com o uso dos *arquétipos* como *o mago, sacerdote, Grande Mãe*, para ilustrar aquilo que nos tempos antigos realizava-se de maneira não fantasiosa, mas *natural*. Não obstante, Jung aponta como sendo um dos grandes problemas da humanidade o “apego” às essas imagens, aos arquétipos que simbolizam uma figura poderosa para expressarem os extremos dos conteúdos assimilados do *inconsciente*. Segundo o autor, a maior causa do processo de “atrofiamento” da humanidade resultante da inabilidade em lidar com a *personalidade-mana* são as *imagens primordiais*, pois

*difícilmente fugiremos à tentação de admirar-nos a nós mesmos por haveremos encarado as coisas mais a fundo do que os outros; estes, por seu lado, também sentem a necessidade de encontrar em alguma parte um herói palpável ou um sábio superior, um guia e um pai, uma autoridade indiscutível: dessa forma poderão edificar templos e queimar incenso a esses deuses em miniatura. Tal fato não deve ser considerado uma simples estupidez de idólatras sem espírito crítico, mas sim como uma lei psicológica natural, segundo a qual o que foi no passado tornará a ser no futuro.* (JUNG, Carl. 1928. P 125)

Com isso, é possível dizer que há uma equivalência entre a tese de Adorno sobre a indissociabilidade do discurso mitológico em relação ao *princípio de imanência* ao longo da história da humanidade, e o pensamento de Jung acerca da inclinação própria do ser humano ao *retorno às imagens primordiais*, dado que o uso dos símbolos, segundo seu pensamento, foi historicamente a expressão máxima do ser humano, sendo também, por diversas vezes, tal como o mito de Édipo, a causa de sua ruína - a qual Adorno e Hegel apontaram-na na reificação do objeto, como consequência das ambições humanas em assumir uma postura tal que desse conta daquilo que superavam suas capacidades.

É evidente que mesmo que o indivíduo “transfira” seus poderes para uma entidade ou um arquétipo que lhe seja externo, ainda assim estará incorrendo no mesmo erro perpetuado por toda a humanidade, pois ao projetar em uma figura o *mana* adquirido com a vitória sobre o *anima*, nada restará do indivíduo além de um ser humano miserável ainda mais vulnerável às investidas do inconsciente. Diante disso, Jung salienta a necessidade de reconhecer a supremacia de poderes que estão muito além do controle e compreensão humana, evitando, assim, “provocá-los”<sup>14</sup>. Tal “aconselhamento” caberia muito bem a ser dado como ressalva ao intento descabido de um projeto que visava empoderar o ser humano a ponto de ignorar tais conteúdos altamente perigosos que nem sequer podem ser definidos ou circunscritos pela linguagem, tal como o *fetice pelo conhecimento* gostaria. Jung, ainda assim, acredita haver uma possibilidade de dissolver a *personalidade-mana* sem regredir ao nível de subordinação ao *anima*, isto é, através do *si-mesmo* (*Selbst*).

---

<sup>14</sup> Isto é, não como um ato de hipóstase, no sentido de assimilar os conteúdos do inconsciente a entidades, por exemplo, mas como uma medida preventiva contra o oceano desconhecido das potencialidades simbólicas do ser humano.

### 3.7 Selbst – si mesmo

Viu-se que a tentativa de assumir e desempenhar o papel do arquétipo espelhado pelo indivíduo ao apossar-se da *personalidade-mana* resultará sempre em uma terrível suscetibilidade às investidas do *inconsciente*, assim como tentar atribuir tamanho poder à alguma entidade externa - sendo ainda mais prejudicial, posto que tal entidade somar-se-á ao próprio *inconsciente* para “atacar” o indivíduo. Jung concebe o *si-mesmo* “como uma espécie de compensação entre o interior e o exterior”(JUNG, Carl. 1978. P131), uma relação entre o Sol (*si-mesmo*) e a Terra (o *eu*), “o Deus em nós”. O indivíduo poderá, assim, assumir a existência de uma divindade em si mesmo enquanto um conteúdo autônomo do qual não possui informações concretas, mas tão somente o “sentimento” de pertencimento. A partir desta compreensão, o mesmo poderá gozar das experiências que o *si-mesmo* pode proporcionar sem ter de submeter-se às suas forças - tal como no caso em que era-se atribuído todo o poder a uma divindade - pois o *si-mesmo* é “como algo de irracional e indefinível, em relação ao qual o *eu* não se opõe nem se submete, mas simplesmente se liga, girando por assim dizer em torno dele como a terra em torno do sol” (JUNG, Carl. 1978. P131)

A relação entre ambos os autores, Adorno e Jung, no que toca à equivalência entre o *sujeito esclarecido* e a *personalidade-mana*, é bastante rica e elucidativa, pois demonstra tanto o caráter almejado pelo *esclarecimento* - a superação do *anima*, como pensava Jung, quanto as consequências e medidas a serem tomadas diante de tamanho poder – ou incapacidade de sustentar a postura de *magos* frente à uma legião de criaturas terríveis do inconsciente coletivo, as quais podem ser interpretadas aqui como os próprios paradoxos da vida social, os quais manifestam-se sempre como coerção ao sujeito.

Mesmo que o contexto teórico no qual os autores desenvolvem suas teses sejam diferentes, ainda assim, as linhas que ambos formam acabam por se encontrar em um mesmo ponto, o qual poderia ser melhor expresso como um *círculo*, a saber: a modernidade. O retrato de uma sociedade é notado nas ações dos seus indivíduos, de modo que suas condutas éticas, morais e políticas serão baseadas nos conteúdos apreendidos na práxis social. Segundo Wittgenstein, a marca identitária dos valores e concepções cosmológicas estão gravadas no próprio uso da linguagem, que por sua vez é constituinte da *subjetividade* humana. Portanto,

negar o meio à qual pertence é negar a si mesmo, assim como compreendê-lo é dar os primeiros passos para auto compreensão.

### 3.8 Sobre o não-idêntico

Feitas essas considerações com base no pensamento junguiano, é bastante conveniente ressaltar de que modo tal conteúdo pode ser aproveitado para ilustrar a experiência do sujeito moderno a luz da filosofia de Adorno. Primeiramente falando, cabe aqui, antes de iniciar a discussão propriamente dita sobre tais conexões, compreender o termo *não-idêntico*, recorrentemente usado pelo filósofo em seus escritos. Para tanto, é preciso contextualizar e ressaltar ainda de forma mais precisa o *terreno* no qual este estudo gira entorno.

No exercício de caracterizar o *mundo esclarecido* e as péssimas condições que a filosofia encontra nele, Adorno demonstra resumir o cerne desta *angústia* homologamente a partir da lei do *terceiro excluído*. Com base em sua leitura de mundo, a *consciência natural moderna* segue a tendência de considerar sempre em suas avaliações acerca de quaisquer objetos o *princípio de identidade* ao extremo. De modo que, mesmo nas mais sutis apreensões da realidade, ou se diz que tudo “é” ou nada pode “ser”. Esta conclusão, demasiadamente inflexível, é reflexo do caráter igualmente intransigente que o juízo esclarecido segue diante daquilo que não se mostra como acessível imediatamente ou passível de ser conceitualizado. Todo “resíduo” que obtêm-se neste modo de pensar, todo produto negativo que não (co)responde à ordem do saber que busca sempre dominar, é concebido, segundo o filósofo, como uma *contradição* - algo extremamente prejudicial ao sistema hegemônico no qual a razão tem a função principal de sustentar toda a identidade do mundo consigo mesmo e que aqui conota a simples não-identidade (*não-idêntico*) do objeto consigo próprio, por não circunscrever-se no conceito que lhe convém. A figura que Adorno demonstra querer capturar do mundo em que sua tese se desdobra é a expressão evidente das consequências corrosivas do esclarecimento enquanto um sistema que visou, em suas bases epistemológicas e idealistas, confiar à razão a responsabilidade insustentável de lidar com as leis imanentes da natureza e das relações humanas.

O que é diferenciado aparece como divergente, dissonante, negativo, até o momento em que a consciência, segundo a sua própria formação, se vê impelida a impor unidade: até o momento em que ela passa a avaliar o que não lhe é idêntico a partir

de sua pretensão de totalidade. Isso é o que a dialética apresenta à consciência como contraditório. (ADORNO, Theodor W. *Dialética Negativa*. 2009. P8)

Esta análise conjuntural do uso da linguagem denota um aspecto bastante característico da modernidade já mencionado anteriormente, a saber: a cisão entre signo e imagem, conceito e objeto, forma e conteúdo. A consciência no “novo mundo” anseia sempre pela *unidade*, segundo o filósofo. O pensamento perpassa por entre os objetos a fim de assimilá-los ao que o arranjo pré-concebido pelo sujeito, do mundo em sua totalidade, tem para oferecer, tal como em um catálogo no qual todos os produtos têm sua descrição e preço. Aquilo que *subjaz* ao objeto nesse movimento de identificação consiste naquilo que denominou-se como *não-idêntico*. O *não-idêntico*, portanto, expressa a contradição tão marcante no juízo moderno ao reificar os objetos do mundo; é por onde a *semântica* dos objetos corre, tal como o *mana* percorria pelos corpos animados da natureza antes do estado decadente da humanidade moderna, sendo, portanto, justamente aquilo que é suprimido coercitivamente no atrofiamento entre o conceito e o objeto.

### 3.9 Algumas considerações acerca da relação entre o não-idêntico e o inconsciente

Agora, de modo mais apropriado, é possível concatenar as ideias relativas ao conflito entre o sujeito e o *inconsciente* – tanto parcial quanto coletivo - expostas no *Excurso*, com o termo utilizado por Adorno referente ao produto subjacente a relação dialética entre *sujeito e objeto*: o *não-idêntico*. Embora esta aproximação não seja o foco deste trabalho, e também em vista da complexidade de sua realização do ponto de vista formal, o intuito de relacionar os termos e os autores se volta para a tentativa de ampliar a perspectiva do tema tratado na segunda parte deste estudo (a experiência do sujeito esclarecido), relacionando-o com um estudo que demonstra partir de alguns fundamentos em comum com os de Adorno, como o *mana* e o aspecto *simbólico* do juízo humano que não se demonstra como um estado *primitivo* da linguagem, mas *inerente* a ela.

O homem moderno não possui nada que se compare à importância histórica das iniciações [...] O fato é que toda a simbólica da iniciação aparece nos conteúdos inconscientes com uma nitidez que não deixa lugar a dúvida. A objeção de que tudo isso não passa de uma velha superstição, carente de valor científico, é tão

inteligente como se alguém observasse, frente a uma epidemia de cólera, que esta é uma doença infecciosa e, além disso, anti-higiênica. Nunca é demais repetir que não se trata de saber se os símbolos de iniciação representam ou não verdades objetivas, mas sim de saber se tais conteúdos inconscientes são ou não são equivalentes às práticas de iniciação e se têm ou não uma influência sobre a psique humana. Não se trata também de opinar se são desejáveis ou não. Basta-nos saber que existem e que são atuantes. (JUNG, Carl. 1978. P122)

O ponto de interseção entre os autores servirá aqui como abertura para a parte final deste trabalho, pois ela expressa o estado dilacerante entre o ritmo positivista da humanidade e suas raízes simbólicas. Tal como foi dito anteriormente, o juízo característico da modernidade está pautado na cisão entre sujeito e objeto, de modo que a primazia deste, reafirmada ao longo dos anos, acabou por deturpar a relação entre condicionado e condicionante – ou como pensava Hegel, a relação entre *senhor e escravo* –, ocasionando naquilo que Adorno aponta como a hipóstase dos conceitos, ou seja, um modo específico de uso dos conceitos tal que engendra uma associação ontológica entre significado e significante, primordialmente de ordem linguística/epistêmica, como um *movimento natural da consciência*. O “modo específico de uso dos conceitos” está intimamente ligado ao processo de *identificação*<sup>15</sup>, o qual, segundo Adorno, se mostra como um sintoma referente aos desdobramentos históricos associados não somente ao impulso progressista e positivista, mas às bases epistêmicas e concepções filosóficas enraizadas, respectivamente, na tradição filosófica idealista e no programa do esclarecimento. Assim, os conceitos possuem outro *peso* no mundo contemporâneo, eles, segundo a interpretação deste estudo, baseada fortemente nos escritos de Adorno, ocupam os lugares das antigas divindades, tal como as outras forças da Natureza que atuavam imanentemente no devir de todos os processos históricos da humanidade.

Entretanto, aquilo que demonstrou ser um avanço nas bases epistêmicas do pensar humano, isto é, sua ruptura com o mito, mostra-se como o grande problema responsável pela angústia e sofrimento nos tempos modernos e atuais, que fora explicitado aqui como uma profunda *contradição* no processo de identificação, notada pela incapacidade do conceito em circunscrever completamente o objeto referente. O produto que subjaz ao tal processo dialético entre sujeito e coisa é, então, o *não-idêntico*. Para Adorno, o *não-idêntico* compõem a imensa realidade ignorada pela *razão instrumental*, responsável pela constante contradição

---

<sup>15</sup> Pensada por Adorno em termos como *compulsão pelo idêntico e fetiche pelo conhecimento*.

aqui mencionada tal como a incapacidade do sujeito em compreender seus estados de consciência e o funcionamento mecânico de sua sociedade<sup>16</sup>.

Assim, tal como é pensado o conceito de *inconsciente* na psicanálise “clássica”, isto é, como a *verdadeira* realidade da qual nos isentamos do acesso devido a incapacidade de apreendê-la *tal como é*, o não-idêntico pode ser compreendido por uma via como esta. A constante menção de Jung à simbologia de diversos rituais antigos e a relevância dos mesmos ainda nos tempos atuais<sup>17</sup> demonstra a profundidade que o autor compreende em vista dos conteúdos inacessíveis pelo *bicho-humano* senão por processos *teúrgicos* como esses. O que se coloca em evidência ao comparar ambos os conceitos, o *inconsciente* e o *não-idêntico*, não é somente o caráter oculto dos mesmos, mas a possibilidade de acessá-los. Se para Jung os exercícios de auto-conhecimento – os quais podem ser compreendidos nos tempos atuais como místicos, esotéricos ou retrocessos aos “níveis primitivos da humanidade”, como é o caso da astrologia e o *tarot* - servem como meio de compreender os conteúdos ocultos à *razão instrumental*<sup>18</sup>, Adorno concebe, sendo um pouco mais exotérico, não como *saída* para o problema enfrentado pela humanidade, mas como possibilidade de compreensão do processo histórico vivido atualmente, o *método dialético* como única forma de *conter* a compulsão pelo idêntico. Em outras palavras: um *olhar* e *agir* filosófico.

---

<sup>16</sup> É possível falar em patologias que surgem deste processo apontado por Adorno, mas não convém aqui dizer.

<sup>17</sup> Como é o caso da maçonaria, dos rosa-cruzes, da teosofia, igreja gnóstica, etc...

<sup>18</sup> Com a licença do termo para incorporá-lo aqui.

## 4. Capítulo 3 – A filosofia enquanto chave para a contemporaneidade

### 4.1 Estado decadente da filosofia

A necessidade da filosofia de operar com conceitos não pode ser transformada na virtude de sua prioridade, assim como a crítica dessa virtude não pode ser inversamente transformada no veredicto sumário sobre a filosofia. Não obstante, a intelecção de que a sua essência conceitual não é, apesar de sua incontornabilidade, o seu elemento absoluto, é mediada uma vez mais pela constituição do conceito: ela não é nenhuma tese dogmática ou mesmo ingenuamente realista.(ADORNO, Theodor W. *Dialética Negativa*. 2009. P12)

Segundo Adorno, a filosofia, no curso histórico da humanidade, foi vítima de seu próprio movimento descritivo e dissecador da realidade; seu impulso investigativo e penetrante tornou-se vazio frente a um mundo *dado* no qual tudo estaria posto e ordenado segundo o juízo esclarecido da modernidade. Sua pretensão *holísta* de julgar cada objeto como pertencente ao seu domínio, o qual nunca pode ser demarcado, por estende-se ao *infinito*, frustrou-se ao dar-se conta de que o *conceito* ganhou uma notoriedade superior ao próprio saber, adquirindo, portanto, sua independência.

Destarte, Adorno assinala, em sua obra *Dialética Negativa*, estas péssimas condições em que a filosofia se encontra em seu desenrolar, o qual acompanhou paralelamente as mudanças epistemológicas e sociais do mundo que, ao passo em que “deu ouvidos” às ideias de caráter profundamente filosófico do programa esclarecimento, tornou-se cada vez mais fragmentado e *hermético* em sua integridade *absoluta*. Tais mudanças obrigaram-na a tornar-se consciente de sua própria incapacidade de cumprir com aquilo que pretendia: isto é, além de fornecer um diagnóstico do *estado-de-coisas* do mundo, espaço e temporalmente, transformá-lo imanentemente. Visto que o mundo não é o mesmo do qual partia a *filosofia prima*, esta precisa ser abandonada ou senão transformada. O *princípio uno*, tão perseguido ao longo dos séculos pela tradição filosófica, o mesmo que, como uma peça de um grande quebra-cabeça, daria a pista precisa para o encaixe das demais, simplesmente não existe no mundo moderno. Assim, “somente uma filosofia que se liberta de tal ingenuidade merece continuar sendo pensada” (ADORNO, Theodor W. *Dialética Negativa*. 2009. P7)

Adorno demonstra ter fortes pretensões em retomar o programa hegeliano, o qual pensava a filosofia como único modo de conceber a realidade em vista dos processos de mudanças paradigmáticas na modernidade, que já eram notados pelo filósofo há tempos. Diante da ideia de que a compreensão de tais processos necessitaria de um modo adequado de compreendê-las, isto é, dialeticamente, é preciso ter em mente que a dialética referida pelo autor não é a mesma tão conhecida pela tradição. Adorno dedica o título de sua obra *Dialética Negativa* justamente para explicitar o objeto de sua discussão. A dialética em sua conotação usual expressa a insuficiência do *adequatio*<sup>19</sup>, apenas. Bom, tal experiência é vivida pelas pessoas e ainda assim reproduz-se o hábito de suprimir o *não-idêntico*, o produto do processo dialético - dado que este *resíduo* nada capacita o sujeito, sem o devido reconhecimento dos objetos e suas relações, na superação das perplexidades na vida em uma sociedade moderna. O mundo retratado aqui é demasiadamente resistente ao simples emprego de um método artificial para tratar de questões que tocam a profundidade e dureza da vida moderna em suas mais variadas contradições. A tentativa cega de acoplar um método *externo* ao estado-de-coisas reflete sintomaticamente a impotência da vontade humana no novo mundo. Daí que, para Adorno, esta mudança no processo de apreensão dos objetos precisa ocorrer imanentemente. “A dialética serve à reconciliação. Esta desmonta o caráter da compulsão lógica à qual a dialética obedece; por isso, é acusada de panlogismo.” (ADORNO, Theodor W. *Dialética Negativa*. 2009. P9)

Adorno faz menção à dialética que não se satisfaz com o resultado de sua própria operação. Daí seu caráter *negativo*, sua não resignação nem mesmo ao que obtêm-se na disputa entre coisa e conceito, posto que o que se “resvala” na análise dialética comum ainda é um produto falso, algo que ainda se liga *nostalgicamente* ao conceito. Quanto a este problema, alguns outros filósofos posicionaram-se a respeito com fortes críticas ao idealismo alemão, lembra Adorno, visando recuperar a possibilidade e responsabilidade da filosofia acompanhar o curso do *real e* cumprir, portanto, com sua inclinação primeira: a busca pela verdade. Dentre tais filósofos poder-se-ia destacar, somente com o intuito de subsidiar exemplos os quais podem ser bastante convenientes a este trabalho: Bergson, com sua perspectiva metafísica na qual se pensava na necessidade humana de apreensão da *concretude* dos objetos intuitivamente (*données de la conscience*); e Husserl, cujo conceito de *fluxo de*

---

<sup>19</sup> A correspondência precisa e nominalista entre nome e coisa.

*consciência* prometia dar conta da crise filosófica frente à tentativa de lidar com o *não-conceitual*.

É justamente *neste* ponto, o *não-conceitual*, que a filosofia contemporânea se vê temerosa em lidar, pensa Adorno, visto que sua própria *identidade* é calcada na criação e uso de conceitos; logo, aquilo que subjaz a estes é demasiadamente *hermético* e insondável para ser objeto de investigação da filosofia, a qual corre o risco de perder o que resta de sua integridade e prestígio no meio intelectual no que tange ao compromisso com a verdade sob as duras leis da lógica. Porém, para o conceito, o que se torna urgente é o que ele não alcança; o que é eliminado pelo seu mecanismo de abstração, que por sua vez, deixa de ser um mero exemplar do conceito. A insuficiência dos conceitos é também consequência de seu uso compulsivo.

Embora seja comum o ato de reificar os objetos, Adorno salienta que a contradição é reconhecida pela consciência, de modo que é pelo *incomodo* gerado por essa *quebra* na fluidez do pensar, nos moldes da razão instrumental, que o sujeito encontra a oportunidade de conceber, de fato, o objeto; é neste instante que a dialética se mostra perfeitamente adequada na tarefa de dar voz ao objeto, de torná-lo tão livre quanto o sujeito e, assim, expressar-se não pelo impulso naturalizado humano de identificar, mas pela contemplação da rede que o objeto estabelece com os outros para *ser*. Neste sentido, o que Adorno mais chama atenção com suas considerações acerca da ruptura que o pensar estabeleceu em seu *dever* é o caráter artificial que o mundo e sujeito ganham com o *fetice* que o ser humano passou a ter com o conhecimento. Esta figuração do mundo impõe às relações entre os objetos essa cisão que os define como distintos uns dos outros e idênticos a si próprios por uma margem rígida do conceito sobre a coisa - tudo isto para satisfazer o hábito compulsivo de identificar. Mas,

quem se submete à disciplina dialética, tem de pagar sem qualquer questionamento um amargo sacrifício em termos da multiplicidade qualitativa da experiência. O empobrecimento da experiência provocado pela dialética, empobrecimento que escandaliza as opiniões razoáveis e sensatas, revela-se no mundo administrado como adequado à sua monotonia abstrata. O que há de doloroso na dialética é a dor em relação a esse mundo, elevada ao âmbito do conceito. (ADORNO, Theodor W. *Dialética Negativa*. 2009. P9)

Adorno mostra que a tentativa de lidar com o *estado-de-coisas* atual não é uma saída *objetiva*, isto é, uma alternativa viável para construir (mais) um novo mundo em vista deste. Trata-se antes de uma *chave* de compreensão do modo como as coisas se dão do que uma

solução para elas. Segundo o filósofo, “a dialética é, enquanto modo de procedimento filosófico, a tentativa de destrinçar os nós do paradoxo com o meio antiquíssimo do esclarecimento, a astúcia.”(ADORNO, Theodor W. *Dialética Negativa*. 2009. P93) Vê-se que a realidade não se encontra mais *aberta* para o uso de *métodos* que dêem conta de seus mais profundos paradoxos. Não se trata mais da ocasião - se é que em algum momento *foi o caso* - do uso da dialética como método *externo* ao indivíduo, como um procedimento mecânico e previamente pensado. Pode-se dizer que o que Adorno pretende com sua *dialética negativa* é tornar a crítica acerca do movimento que a própria consciência faz, isto é, uma *meta-crítica*, um *hábito*.

De fato, a dialética não é nem apenas método, nem algo real no sentido ingênuo do termo. Ela não é nenhum método: pois a coisa não-reconciliada, à qual falta exatamente essa identidade que é substituída pelo pensamento, é plena de contradições e se opõe a toda tentativa de interpretá-la de maneira unívoca.(ADORNO, Theodor W. *Dialética Negativa*. 2009. P95)

Dado que até mesmo a crítica, em seu modo *intoxicado* pela compulsão pelo idêntico, também recairá sobre o mesmo erro que se faz com o uso da *razão instrumental*, ou seja, engendrar uma confusão entre *condicionante e condicionado*; logo, o que cabe ao sujeito *esclarecido* fazer é partir da consciência acerca de sua própria *compulsão* e criticá-la segundo os seus moldes, a fim de transformá-la imanentemente – de fato. “Se a humanidade deve se libertar da compulsão que realmente se abate sobre ela sob a forma da identificação, então ela precisa alcançar ao mesmo tempo a identidade com o seu conceito”.(ADORNO, Theodor W. *Dialética Negativa*. 2009. P96). Tal tarefa, enquanto uma postura fortemente filosófica, é própria, naturalmente, de filósofos e filósofas.

## 4.2 Breve excurso sobre a República de Platão

De modo similar ao primeiro *excurso*, o intento desta breve digressão no texto é de aprofundar, mesmo que de forma conclusiva, o que até então foi dito, recorrendo a outro campo filosófico como modo de salientar os propósitos de Adorno com sua *dialética negativa* comparando-os com algumas perspectivas acerca da obra *A República*, de Platão.

O livro X d'A *República* é marcado pela forte crítica de Platão aos poetas, aos imitadores da realidade. Seu argumento se sustenta na ideia de divisão entre os dois mundos: o mundo inteligível ("real") e o mundo sensível ("artificial"). Os imitadores, em sua linha de pensamento, são aqueles que, por não terem conhecimento das "formas ideais", reproduzem as imagens das mesmas na realidade, isto é, fazem a cópia da cópia, sendo uma imitação do terceiro grau. Todavia, conseguem, por meio das palavras e pelo ritmo, persuadir as pessoas de tal maneira que as mesmas são iludidas e enganadas por falta de conhecimento e por uma espécie de sedução do poeta com seus versos. Assim, a grande habilidade dos poetas, a qual Platão não nega, é a capacidade de reproduzir a aparência quase exata dos objetos presente na realidade - daí também o motivo principal de serem expulsos da cidade.

Remontando-se a ideia sobre a corrupção do rei filósofo em um tirano, é possível compreender o "porquê" dos poetas serem como uma "ameaça" à cidade. Segundo Platão, a alma humana é dividida em duas partes: a superior, comandada pela razão, e a inferior, que é irascível e responsável pelos sofrimentos e "limitações". A finalidade da cidade, e também do ser humano, segundo a Platão, é desenvolver-se por meio da razão de maneira tal que seu lado irascível seja dominado, impedindo que este corrompa o lado superior e torne a vida do sujeito uma grande mediocridade. O grande poder da poesia consiste na sua capacidade de corrupção: o poeta se serve de suas aptidões discursiva para persuadir o público, manipulando-o através da parte inferior da alma. Ou seja, o imitador se mostra como um grande problema para a cidade, pois, reconhecendo que todos possuem um lado irascível muito forte dentro de si e que demanda um enorme esforço para dominá-lo, é possível entender que um sujeito que se aproveita de tal inferioridade da alma para cativar seu público deve ser rechaçado e impedido de pronunciar suas imitações de terceiro grau na cidade. Não obstante, além de persuadir os indivíduos, o estímulo da parte inferior da alma provoca um desequilíbrio muito intenso nos mesmos, de modo que as leis regidas pela razão tornam-se nulas diante da grande irascibilidade contida por tais pessoas.

O que pode ser inferido destas considerações em relação ao diagnóstico de época feito por Adorno é a completa sedução em que os indivíduos se vêm imobilizados pelo *fetichismo do conhecimento*. De modo mais atento às considerações do filósofo, é possível notar que a *compulsão pelo idêntico* se apresenta não somente como um *sortilégio* que toma o indivíduo por uma mera sedução irresistível ao hábito de identificar, mas uma marca no seu desenvolvimento histórico como espécie! Algo "inconsciente" que o remete, por exemplo, às práticas antigas nas quais o *mana* era uma verdade *dada*, isenta de qualquer necessidade de

demonstração além de seus efeitos na realidade. Tal *força* que permeava as relações humanas no passado não parece ter sido abandonada, como foi dito aqui, mas “adaptada” enquanto *norma*, algo *dado*, mas que tem uma explicação “não mitológica”, isto é, como um *fato social*, por exemplo - ou uma lei da física ou da matemática. Daí que,

a hybris consiste em querer que a identidade seja, que a coisa corresponda em si a seu conceito. Mas seu ideal não poderia ser simplesmente alijado: na repreensão pelo fato de a coisa não ser idêntica ao conceito também vive a nostalgia própria a este último de que ela poderia se tornar idêntica. (ADORNO, Theodor W. *Dialética Negativa*. 2009. P98)

Não obstante, na concepção platônica também é possível notar uma grande preocupação acerca da natureza *dual, ambígua ou ambivalente* do ser humano (superior e inferior). Tal concepção pode ser uma boa ilustração para o comportamento atual descrito por Adorno quanto às tendências humanas em pensar de modo *transcendental*, abstando-se da noção extremamente relevante realidade histórica enquanto formadora da *singularidade* do indivíduo; sendo ela motivada, tal como Platão pensava, pela manipulação da parte *inferior* da alma humana; ou, como pensou Adorno:

Exatamente como antes, os homens, os sujeitos particulares, se encontram sob um encanto. Esse encanto é a figura subjetiva do espírito do mundo, uma figura que intensifica internamente o primado desse espírito sobre o processo exterior da vida. Eles se transformam naquilo contra o que eles não podem nada e que os nega. Eles não precisam mais nem mesmo torná-lo palatável para si mesmos como a instância superior que ele, em face deles, na hierarquia dos graus de universalidade, efetivamente é. Por si mesmos, por assim dizer a priori, eles se comportam de acordo com o inevitável.(ADORNO, Theodor W. *Dialética Negativa*. 2009. P218/219)

Em suma, como todo ato filosófico de proporcionar ao ignorante o conhecimento que não pode ser demonstrado, mas abstraído, o uso do particular para demonstrar o universal é necessário devido às limitações ainda existentes das faculdades humanas. Todo o esforço histórico de alguns grupos da humanidade em proporcionar à experiência humana uma tomada de consciência geral acerca de si própria acabou por associar os símbolos, *eles próprios*, ao conhecimento que pouco ou nada tinha a ver com eles, além, somente, do uso dos mesmos para os tornarem cognoscíveis. A *mímese*, tal como Adorno a pensava na contemporaneidade, não se mostra como um fenômeno que a caracteriza somente pela

contingência dos seus desdobramentos históricos e materialistas, mas pela tentativa fracassada, em altíssimas proporções, de tornar a humanidade mais consciente acerca do movimento da própria consciência humana. Em outras palavras, o *mana*, o nosso *espírito*, diluiu-se nas mentiras que nos contamos todos os dias para ainda seguirmos em frente em direção ao *futuro*.

## 5. Considerações finais

Este estudo teve como maior pretensão possibilitar a conexão entre duas grandes obras de Adorno, *Dialética do Esclarecimento* e *Dialética Negativa*, com base na tese referente à natureza humana, interpretada por meio de tal conexão, como profundamente vinculada ao símbolo. Assim como foi abordado ao longo deste texto, a relação do ser humano com o aspecto simbólico dos objetos foi marcada de formas distintas em dois períodos centrais na discussão deste estudo: no mundo antigo, ou mitológico, os símbolos preservavam uma relação de pertencimento do ser humano à Natureza; eles tinham a grande função de orientar as ações e percepções humanas como próprias de um arranjo simbólico necessário para a possibilidade de passagem do *mana* nas relações interpessoais. Viu-se que esta força, cujo poder era de animar todas as formas de vida, não denota a mesma conceitualização que nos servimos hoje para caracterizar o que, de fato, motiva as relações intersubjetivas humanas a se darem. Tal princípio antigo e esotérico, em vista do estudo realizado aqui, não demonstra ter sido perdido, mas escamoteado nas relações humanas que se fundamentam nas normas sociais e em um paradigma no qual o sujeito assume uma forma transcendental e central no modelo de vida resultante do programa do esclarecimento.

No mundo moderno, pensado neste estudo como uma outra fase (ou capítulo) da humanidade o juízo impulsiona-se a jogar os conceitos e todos os objetos de modo reificado, ou seja, como autônomos que carregam significados autênticos os quais apontam para seu objeto correspondente “satisfazendo” a relação entre conceito e coisa. Tal processo, como foi apontado no capítulo 2, se define pela ideia de identidade, de modo que todos os objetos devem ser idênticos a si próprios necessariamente para que a dinâmica dialética entre sujeito e objeto seja possível. Este estudo pretendeu mostrar que, por meio desta concepção, atrelado ao impulso positivista da modernidade, foi “dado” aos objetos o direito de auto referenciar-se somente por um certo capricho (fetichismo) do conhecimento. Não obstante, para o filósofo, a ideia de identidade se nota na apreensão do sujeito dos significados dos conceitos, os quais são usados de maneira equivocada ao pretender deles extrair o objeto mesmo a qual se ligam. Neste uso indevido da linguagem foi apontado a desconsideração e fuga do *não-idêntico*, aquilo que a razão abstrata não consegue capturar e que constitui a

semântica do mundo, o espírito, dado que não pertence ao esquema categórico e positivista de apreensão do real, responsável por aquilo denominado como “mito do dado”.

Portanto, pode-se dizer que, em vista das pretensões de emancipação do ser humano por meio do programa do esclarecimento, ou seja, de acompanhar o espírito que, a princípio, animava todas as coisas, não impediu aquilo que está para além dos seus poderes. O mundo esclarecido, pensa Adorno, é como um cenário caótico no qual todo indivíduo tem já em si a semente da angústia e da contradição, de modo que, embora tudo seja mediado pela força de trabalho e nada seja acessado de forma “direta e imediata”, é exatamente este o “mito” que dita o modo como as coisas se dão na modernidade, ou seja, desconsiderando o significado holísta de todo objeto, sua significância, a fim de exaltar sua autoexpressão mediada pelo conceito que, tal como foi visto, é também mediado por uma série de contradições de ordem epistêmica e ideológica.

Por fim, este estudo também teve a forte intenção de ressaltar, tal como foi visto no capítulo 3, a relevância da filosofia frente às considerações feitas ao longo do texto. É possível dizer, em vista de tudo o que foi dito, que grandeza da filosofia, apesar das fortes críticas feitas a tradição idealista, está no seu caráter *transcendente*, porém atento aos desdobramentos históricos de ordem política/social. O verdadeiro filosofar não pode ser confundido com o manejo dos símbolos disponíveis à consciência - isto nada mais é do que uma operação lógica. Filosofar é uma experiência intimamente ligada a morte – mais precisamente com sua aceitação. A compreensão incomunicável da vida é também a compreensão do nosso eterno estado de solidão. Cruzar a fronteira da *concretude*, das regras sociais, do pensamento coordenado por preceitos, é próprio de um sujeito esclarecido, que pela sua própria vontade e uso livre da razão opta por adentrar ao campo obscuro e insondável do *si mesmo* – ou, o *em si*. Kant já apontava que para tamanho ato de bravura era preciso ter uma profunda coragem e consciência; era preciso ser filósofo e filósofa. O esclarecimento visou um projeto para vida humana em sociedade o qual tinha um fim - e talvez este tenha sido seu pior erro e, não atoa, sua maior pretensão (demasiadamente humana). Ele buscou mais do que o desencantamento do mundo, mas um futuro no qual somente filósofos e filósofas o habitassem. Ora, de que modo um período histórico no qual o mito é declaradamente uma realidade ontológica pode *parir* um novo mundo mais refinado, moderno e não-mitológico? Assim como na vida biológica, na qual uma espécie nunca dará origem a outra através do processo de reprodução, uma ideia ou ideologia, nunca efetuará uma cisão completa com suas fundamentações, isto é, do tempo e do espaço.

## Bibliografia:

ADORNO, Theodor W. e HORKHEIMER, Max. *Dialética do Esclarecimento*. Fragmentos Filosóficos 1947 (*Dialektik der Aufklärung – Philosophische Fragmente*).

ADORNO, Theodor W. *Dialética Negativa*. Zahar; Tradução: Marco Antonio Casanova; Rio de Janeiro: 2009.

ADORNO, Theodor W. *Sobre Sujeito e Objeto*. Edufro; Primeira Versão; Editor: Nilson Santos. Porto Velho: 2005.

ADORNO, Theodor W. *Os pensadores – ADORNO*. Nova Cultura; Coleção *Os Pensadores*; Tradução: Paulo Eduardo Arantes. São Paulo: 1999.

ADORNO, Theodor W. *Teoria Estética*. Edições 70; Tradução: Artur Morão. Lisboa

JUNG, C.G. *O Eu e o Inconsciente*. Editora Vozes; Tradução: Dra. Dora Ferreira da Silva. Rio de Janeiro: 1978. JUNG, C.G. *O Espírito na Arte e na Ciência*. Editora Vozes; Rio de Janeiro: 1971. Tradução: Maria de Moraes Barros.

HABERMAS, Jürgen. *O Discurso Filosófico da Modernidade – Dez Lições*. Martins Fontes. Tradução: Luiz Sérgio Repa e Rodnei Nascimento. São Paulo: 2002.

JIMENEZ, Marc. *Para Ler Adorno*. Editora S.A; Tradução: Livraria Francisco Alves. Rio de Janeiro: 1973.

KOTHE, Flávio René. *Ensaio 46 – Benjamin & Adorno: Confrontos*. Editora Ática. São Paulo: 1978.

O'CONNOR, Brian. *Adorno's Negative Dialectic – Philosophy and the Possibility of Critical Rationality*. The MIT Press; Cambridge, Massachusetts; London, England.

HEGEL, G.W.F. *Os pensadores – HEGEL*. Nova Cultura; Coleção *Os Pensadores*. Tradução: Orlando Vitorino. São Paulo: 2000.

WITTGENSTEIN, Ludwig. *TRACTATUS LOGICO – PHILOSOPHICUS*. Editora da Universidade de São Paulo; Tradução: Luiz Henrique Lopes dos Santos.

WITTGENSTEIN, Ludwig. *O Livro Azul*. Edições 70; Tradução: Jorge Mendes. Rio de Janeiro: 1958.

WITTGENSTEIN, Ludwig. *Investigações Filosóficas*. Nova Cultura; Tradução: Pablo Rubén Mariconda. São Paulo: 1989.